

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

AVALIAÇÃO DO COMPORTAMENTO TÁTICO NO FUTEBOL DE
CAMPO: UM ESTUDO DO PERFIL DE TOMADA DE DECISÃO
DO ATLETA E SUA RELAÇÃO COM A PERCEPÇÃO SOBRE O
ESTILO DE LIDERANÇA DO TREINADOR

Luciano Santana Lopes

BRASÍLIA

2008

AVALIAÇÃO DO COMPORTAMENTO TÁTICO NO FUTEBOL DE CAMPO: UM
ESTUDO DO PERFIL DE TOMADA DE DECISÃO DO ATLETA E SUA RELAÇÃO COM
A PERCEPÇÃO SOBRE O ESTILO DE LIDERANÇA DO TREINADOR

LUCIANO SANTANA LOPES

Dissertação apresentada à Faculdade de
Educação Física da Universidade de Brasília,
como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Educação Física.

ORIENTADOR: ALEXANDRE LUIZ GONÇALVES DE REZENDE

LOPES, Luciano Santana

Avaliação do Comportamento Tático no Futebol de Campo: Um Estudo do Perfil de Tomada de Decisão do Atleta e sua Relação com a Percepção do Estilo de Liderança do Treinador. Brasília, 2008

100p.

Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília. Programa de Pós-Graduação em Educação Física – 2008.

1. Psicologia do Esporte; 2. Educação Física; 3. Futebol

LUCIANO SANTANA LOPES

AVALIAÇÃO DO COMPORTAMENTO TÁTICO NO FUTEBOL DE CAMPO: UM ESTUDO DO PERFIL DE TOMADA DE DECISÃO DO ATLETA E SUA RELAÇÃO COM A PERCEPÇÃO SOBRE O ESTILO DE LIDERANÇA DO TREINADOR

Dissertação aprovada, como requisito parcial para a obtenção do título de **Mestre** no Programa de Pós-Graduação em Educação Física, da Faculdade de Educação Física, da Universidade de Brasília, pela Comissão formada pelos professores:

Presidente:

Professor Doutor Alexandre Luiz Gonçalves de Rezende
Universidade de Brasília – UnB

Membro Externo:

Professor Doutor Carlos Augusto de Medeiros
Centro Universitário de Brasília - UniCEUB

Membro:

Professora Doutora Rossana Travassos Benck
Universidade de Brasília – UnB

Membro Suplente:

Professor Doutor Alcir Braga Sanches
Universidade de Brasília – UnB

Brasília (DF), 11 de agosto de 2008.

AGRADECIMENTOS

As vitórias e conquistas da vida somente têm valor quando podemos compartilhá-las com a família e os amigos. Demonstrar gratidão a quem te ajudou ou apoiou deveria ser um dos pressupostos norteadores da vida de todos. Assim, gostaria de expressar minha gratidão a algumas pessoas que contribuíram valiosamente para realização desse trabalho.

Agradeço a meus pais, Paulo e Jacinta, a meus irmãos, Jacinéia, Paula e Laécio, pelo carinho e apoio em todos os momentos que precisei.

À minha esposa, Leila, que me incentivou a alçar vôos mais altos em busca de novos horizontes e sempre esteve disposta a me ajudar e compreender minhas ausências. Minha enorme gratidão e imenso amor.

A meu filho, Breno, a razão de todas as minhas lutas e o maior responsável por recarregar minhas energias com suas palavras de carinho e seu sorriso inocente.

Ao meu professor orientador, Dr Alexandre Rezende, que me recebeu de braços e coração abertos quando o procurei disposto a conhecer seu trabalho. Um exemplo de profissionalismo e sabedoria, sem perder a humanidade e humildade no trato com todos que o rodeiam. Muito obrigado pela oportunidade, ajuda e pelos imensuráveis conhecimentos que adquiri contigo.

A todos os professores e funcionários da Faculdade de Educação Física da Unb, que não economizaram esforços quando solicitados a ajudar-me. Em especial, a Profa. Dra Cláudia Goulart, pelas palavras amigas e disposição constante em ajudar e à funcionária Alba, por sua presteza e bom humor.

Ao professores, Doutores Carlos Augusto, Rossana Benck e Alcir Braga, que me prestigiaram com suas participações na banca de avaliação.

Ao colega de mestrado, Paulo Perfeito, por me ajudar na coleta de dados e pela contínua disposição em colaborar.

Ao Prof.. Msc Roberto Patu, que me propiciou muitas oportunidades profissionais no âmbito da psicologia do esporte.

Aos amigos da equipe de futebol da Upis, atletas e comissão, por me darem o privilégio de suas amizades e me propiciarem um ambiente saudável de trabalho e pesquisa.

Ao Paulo Araújo, Vice-Presidente da Federação Brasiliense de Futebol, e ao Ademilton, presidente da equipe de futebol profissional do Capital, pelo apoio à essa pesquisa.

Ao Diretor Técnico da Confederação Brasileira de Desporto Universitário, Juca, pela preciosa colaboração.

Aos colegas de trabalho do Superior Tribunal Militar, pela compreensão e apoio. Em especial ao amigo Marlon, que muito contribuiu com a revisão ortográfica do trabalho.

A todos aqueles, que de alguma maneira, contribuíram para a realização desse trabalho, meu muito obrigado.

SUMÁRIO

	Página
LISTA DE TABELAS	VIII
LISTA DE FIGURAS.....	IX
RESUMO.....	X
ABSTRACT	XI
1 – INTRODUÇÃO	9
1.2 Objetivos	14
1.3 Hipóteses	14
2 – REVISÃO DE LITERATURA.....	16
2.1 Tática no Esporte.....	16
2.1.1 Modelos de Avaliação da Tática no Futebol.....	17
2.2 Tomada de Decisão no Esporte.....	19
2.2.1 Instrumentos de Avaliação da Tomada de Decisão no Esporte	26
2.4 Liderança no Esporte	29
2.4.1 Conceitos de Liderança.....	29
2.4.2 Modelo Multidimensional de Liderança no Esporte	30
2.4.3 Instrumentos de Avaliação da Liderança no Esporte	32
2.5 O treinador de Futebol	34
2.6 Ansiedade no Futebol	35
3 – MÉTODO.....	37
3.1 Estudo 01	37
3.1.1 Participantes.....	37
3.1.2 Instrumento.....	38
3.1.3 Procedimentos.....	39
3.1.4 Procedimentos Estatísticos	40
3.2 Estudo 02.....	41
3.2.1 Participantes.....	41
3.2.2 Instrumentos.....	41
3.2.3 Procedimentos.....	42
3.3 Estudo 03.....	43
3.3.1 Participantes.....	43
3.3.2 Instrumentos.....	43
3.3.3 Coleta de Dados.....	44
3.3.4 Procedimentos Estatísticos	44
4 – RESULTADOS E DISCUSSÃO	46
4.1 Estudo 01	46

4.2 Estudo 02.....	52
4.3 Estudo 03.....	61
4.3.1 <i>CETD</i>	61
4.3.2 <i>RLSS</i>	65
5 – CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES	72
6 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	80
7 – ANEXOS	88

LISTA DE TABELAS

- TABELA 1 – Correlação entre o perfil decisional dos atletas e o estilo de liderança do treinador.
- TABELA 2 – Instrumentos de avaliação da liderança no esporte
- TABELA 3 – Descrição das dimensões da RLSS
- TABELA 4 – Participantes do estudo distribuídos por gênero, nível de competição e modalidade esportiva
- TABELA 5 – Distribuição dos participantes por Estado
- TABELA 6 – Itens correspondentes a cada fator do CETD.
- TABELA 7 – Matriz fatorial
- TABELA 8 – Índice alfa de Cronbach e a porcentagem da variância para os fatores do CETD no estudo original e no presente estudo
- TABELA 9 – Análises descritiva e de variância(α) do CETD e versão contextualizada
- TABELA 10 – Comparação dos resultados da versão contextualizada e do CETD em função da posição dos jogadores
- TABELA 11 – Análise descritiva dos resultados do CETD.
- TABELA 12 – Análise descritiva do CETD em função da equipe, idade, tempo de treino e posição dos jogadores.
- TABELA 13 – Análise descritiva dos resultados da RLSS
- TABELA 14 – Análise descritiva e da variância da RLSS das equipes X e Y
- TABELA 15 – Índices de correlação entre os fatores do CETD e as dimensões da RLSS

LISTA DE FIGURAS

- FIGURA 1 – Perfil decisional ideal do estilo de tomada de decisão no esporte
- FIGURA 2 – Modelo Multidimensional de Liderança no esporte
- FIGURA 3 – Boxplot do fator competência do CETD
- FIGURA 4 – Boxplot do fator ansiedade do CETD
- FIGURA 5 – Boxplot do fator aprendizagem do CETD
- FIGURA 6 – Resultados do CETD e versão contextualizada no fator competência
- FIGURA 7 – Resultados do CETD e versão contextualizada no fator ansiedade
- FIGURA 8 – Resultados do CETD e versão contextualizada no fator aprendizagem
- FIGURA 9 – Comparação dos resultados dos fatores do CETD (COMPE, ANSIED e APREN) e da versão contextualizada (COMPE2, ANSIED2 e APREN2)
- FIGURA 10 – Comparação dos resultados dos fatores do CETD (COMPE, ANSIED e APREN) e da versão contextualizada (COMPE2, ANSIED2 e APREN2)
- FIGURA 11 – Comparação dos resultados dos fatores do CETD (COMPE, ANSIED e APREN) e da versão contextualizada (COMPE2, ANSIED2 e APREN2)
- FIGURA 12 – Médias nos fatores do CETD das equipes X e Y e do estudo que originou o instrumento
- FIGURA 13 – Médias das dimensões da RLSS das equipes X e Y

RESUMO

AVALIAÇÃO DO COMPORTAMENTO TÁTICO NO FUTEBOL DE CAMPO: UM ESTUDO DO PERFIL DE TOMADA DE DECISÃO DO ATLETA E A RELAÇÃO COM SUA PERCEPÇÃO SOBRE O ESTILO DE LIDERANÇA DO TREINADOR

Autor: Luciano Santana Lopes

Orientador: Alexandre Luiz Gonçalves De Rezende

A análise do desempenho do atleta de futebol envolve aspectos físicos, técnicos e táticos. Avaliar o comportamento tático é um grande desafio no esporte devido à quantidade e complexidade de variáveis presentes na competição. Além de considerar a capacidade física e técnica, tanto dos adversários, quanto dos companheiros; o aspecto psicológico e os comportamentos do treinador têm um papel determinante nas decisões que o atleta toma durante a partida. O objetivo do trabalho foi identificar se existe alguma relação entre os estilos de liderança do treinador e o perfil de tomada de decisão de atletas de futebol, além de verificar qual a influência de cada estilo de liderança sobre o perfil decisional do jogador. O estudo foi realizado com os participantes do XI Campeonato de Futebol Profissional da Segunda Divisão de Brasília de 2007. Os atletas responderam a *Revised Leadership Scale for Sport* (RLSS), versão percepção do atleta sobre o treinador, o *Cuestionario de Estilo de Decisión en el Deporte* (CETD) e uma versão deste, acrescida de uma situação hipotética de jogo. Para tal, foi necessário realização de uma Análise Fatorial Exploratória para o CETD na realidade brasileira.

A análise dos dados indicou que os estilos de liderança do treinador interferem no perfil decisional do atleta. Houve diferenças significativas entre os resultados do CETD e da versão contextualizada nos fatores ansiedade e aprendizagem.

Palavras-chave: Tomada de decisão, tática, liderança, futebol, treinador

ABSTRACT

ASSESSMENT OF THE TACTIC BEHAVIOR IN SOCCER: A STUDY OF THE
ATHLETE'S DECISION-MAKING PROFILE AND YOUR PERCEPTION ABOUT THE
COACH'S LEADERSHIP STYLE

Autor: Luciano Santana Lopes

Orientador: Alexandre Luiz Gonçalves de Rezende

Performance's analysis of soccer player involves aspects physical, technical and tactical. Assess the tactical behavior is a major challenge in the sport because of the quantity and complexity of variables presents in the competition. Besides considering the physical and technical capacity, both from opponents, as of the colleagues, the psychological aspect and behavior of the coach have a crucial role in decisions that the athlete takes over the game. The objective was to identify whether there is any relationship between the coaching styles of leadership and decision-making profile of soccer players, and check the influence of each style of leadership decisions on the profile of the athlete. The study was conducted with participants of the XI Championship of Soccer Professional of the Second Division of Brasília in 2007. The athletes responded to Revised Leadership Scale for Sport (RLSS), version perception of the athlete on the coach, the Questionnaire of Decision-Making Style in the Sport (CETD) and a version of this, plus a hypothetical situation of the game. For this was necessary to conduct an Exploratory Factor Analysis for the CETD in the Brazilian reality.

The analysis of the data indicated that the styles of leadership of coach interfere in the decision making profile athlete. There were significant differences between the results of contextualized version CETD factors in anxiety and learning

Keywords: Decision-making, tactic, leadership, soccer, coach

1 – INTRODUÇÃO

Quem assiste aos jogos de futebol sempre tem um palpite sobre o que o jogador deveria ter feito num determinado momento:

- Por que não chutou pra gol?
- Essa era para driblar e não para passar a bola.

Ou até mesmo sobre o comportamento do técnico:

- O técnico armou muito bem a equipe.
- As mexidas do treinador ganharam o jogo.

Mas será o que passa pela cabeça do jogador quando ele está em campo? Quais são os aspectos que podem interferir na capacidade cognitiva dos jogadores e, conseqüentemente, afetar negativa ou positivamente o seu rendimento durante o jogo? É possível estudar um fenômeno tão obscuro e complexo?

São perguntas de difíceis respostas, mas que devem ser alvo de estudo e de esclarecimento por parte do meio acadêmico. É papel da ciência contribuir para uma melhor compreensão dos processos cognitivos e emocionais envolvidos na tomada de decisão dos jogadores. Somente a partir desse avanço será possível colaborar efetivamente para evolução dos meios de treinamento esportivos atualmente disponíveis.

Segundo Garganta (2002) o tempo de duração efetiva de uma partida de futebol é de 50 minutos. Nesse período, se for considerado uma distribuição da posse de bola igual entre as equipes, cada uma tem 25 minutos com a bola. Em termos individuais, o maior tempo de posse de bola é daqueles jogadores que têm a função de conduzir o jogo, e não excede a 3 minutos. Sendo assim, pode-se afirmar que o jogador de futebol passa a maior parte do tempo de uma partida muito mais selecionando informações, analisando-as e tomando decisões do que tendo contato com a bola.

Logo, se o objetivo do treinamento é preparar o jogador para enfrentar com sucesso as diversas situações impostas pela competição, é necessário ensiná-lo a tomar decisões. Para isso é preciso entender como pensa esse jogador, que tipo de conhecimento ou de situações são mais propícias para que ele possa decidir bem.

As discussões sobre o programa de treinamento mais adequado para o desenvolvimento de tais habilidades, além das questões específicas em relação à metodologia, devem também enfrentar as dificuldades existentes para a mensuração dos

efeitos gerados pelo treinamento, de forma a poder monitorar o processo de aperfeiçoamento da capacidade de tomar decisões.

Segundo Bar-Eli & Raab (2006) o estudo da tomada de decisão, chamado no trabalho de TD, em uma perspectiva geral, remonta à década de 40, sob a orientação de três áreas dominantes: a) teoria da decisão e do jogo, relacionado com a matemática e a economia; b) psicológica, em especial as motivações individuais e c) os processos de aprendizagem motora e sociológica, preocupada em explicar a tomada de decisão em situações sociais.

Apenas na década de 80 o ambiente esportivo, por ser um laboratório em potencial para estudos sobre processos cognitivos, passou a ser considerado como apropriado para a pesquisa sobre a tomada de decisão (GILOVICH, 1984 *apud* BAR-ELI & RAAB, 2006).

A abordagem mais utilizada nas últimas décadas para estudar a tomada de decisão no esporte tem sido a cognitiva (RUIZ & ARRUZA, 2005; SOUZA ET AL., 2000). Estudos têm procurado entender o processamento das informações disponíveis no contexto esportivo, como as características do jogo (regras, técnicas, estratégias e táticas) e dos adversários (GRECO, 2006; JOHNSON, 2006; ROYAL ET AL., 2006; SÁNCHEZ & RUIZ, 2006; PÂQUES-RULENCE ET AL., 2005; RUIZ & ARRUZA, 2005; CAMPOS, 2004; SOUZA ET AL., 2000).

No final da década de 1990 os pesquisadores passaram a considerar, nos estudos sobre TD, quais aspectos do indivíduo e da situação (ambiente) estão relacionados com a capacidade de tomada de decisão do esportista e como eles interferem nessa capacidade.

O estudo de Ruiz et al. (1998) avaliou os aspectos subjetivos que possuem um papel relevante na hora do jogador tomar decisões em situações de jogo, sugerindo a possibilidade de se caracterizar um estilo próprio de cada jogador pensar-agir.

O Questionário de Estilo de Decisão no Esporte, denominado de CETD na sua versão original, em espanhol, foi aperfeiçoado por Ruiz & Graupera, (2005) indicando a existência de três fatores principais para a tomada de decisão: 1) competência decisional percebida; 2) ansiedade e medo e 3) compromisso com a aprendizagem decisional.

O fator 1, competência decisional percebida, refere-se à percepção que o atleta tem de sua própria competência para decidir durante o jogo, seja influenciado pela

opinião de pessoas significativas para ele ou por sua comparação com adversários e companheiros de equipe.

O fator 2, ansiedade e medo ao decidir, está relacionado com a dimensão negativa da tomada de decisões e envolve as circunstâncias causadoras de estresse e ansiedade no momento de decidir no esporte.

O fator 3, compromisso com a aprendizagem decisional, refere-se ao compromisso do atleta em melhorar sua capacidade de decidir, bem como em seguir os conselhos táticos do treinador.

Surge, no entanto, uma dúvida em relação à interpretação desse tipo de teste utilizado para mensurar variáveis psicológicas: o estilo de tomada de decisão deve ser entendido como um traço da personalidade do jogador, portanto pouco sujeito a mudanças ou variações, ou deve ser entendido como um padrão de comportamento momentâneo (estado), sujeito a variações de acordo com as circunstâncias pessoais ou de jogo?

Metodologicamente, pretende-se, no presente estudo, investir na replicação do CETD em condições diferenciadas para verificar se a intensidade da cobrança por um resultado favorável, ou seja, uma variável de fundo emocional, interfere na maneira do jogador tomar decisões ao longo da partida. De acordo com os resultados pretende-se analisar se existe ou não um estilo próprio de cada jogador para tomar decisões, ou se seria mais adequado se referir a um padrão circunstancial de comportamento do jogador.

Sendo assim, além da aplicação da versão original do questionário, que solicita do jogador uma análise geral do seu comportamento no jogo, será também utilizada uma versão contextualizada do questionário, onde será apresentada ao jogador uma situação hipotética de jogo, criada de forma a descrever um nível máximo de cobrança e ansiedade, redundando em uma situação totalmente adversa ao desempenho.

Os fatores manipulados para gerar o clima de adversidade durante o jogo são: 1) a importância do jogo (etapa semifinal), 2) o tempo para o término da partida (15 minutos para acabar o jogo) e 3) o placar da partida (vencendo por 1 gol ou perdendo por 1 gol).

Tais fatores também foram utilizados por Rulence-Pâques et al. (2005) em estudo sobre tomada de decisão no futebol, comparando atletas de diferentes idades. Além dos três fatores mencionados acima, os autores manipularam um quarto: o número de atletas em cada equipe (inferior ao adversário, igual ou superior). Os resultados da pesquisa indicam que a combinação desses fatores influencia a tomada de decisão dos jogadores.

Para que o estudo do estilo de tomada de decisão seja possível, foi necessário fazer uma tradução do questionário do espanhol para o português, como também, todo um processo de validação do questionário, que, segundo Pasquali (2006), envolve as seguintes etapas: 1) tradução do espanhol para o português e tradução de volta do português para o espanhol (*back translation*), garantindo a interpretação correta dos termos utilizados no questionário (sem adicionar novos significados); 2) análise semântica dos itens que compõem o questionário, atestando que todos os extratos de sujeitos que compõem a amostra compreendem os itens da mesma maneira e com a mesma clareza; 3) análise de construto, averiguando, de acordo com a apreciação crítica de juízes, especialistas na área, se os itens se referem ou não às características psicológicas que se propõem a avaliar, e, por último, 4) análise estatística (fatorial) dos dados obtidos, verificando se há confirmação dos três fatores encontrados nos estudos anteriores.

Após essa análise prévia do processo de avaliação do estilo de tomada de decisão em si, o estudo investe no cruzamento das informações obtidas com outras variáveis psicológicas consideradas chaves para o rendimento esportivo, no caso, a influência que o treinador exerce sobre o comportamento dos jogadores em campo.

A fim de facilitar a compreensão do encadeamento existente entre os estudos prévios, cada um deles foi assim denominado: Estudo 1, tradução e validação do questionário CETD desenvolvido por Ruiz et al. (2005); Estudo 2, aplicação do CETD contextualizado em uma situação hipotética potencialmente geradora de ansiedade.

A análise detalhada dos três fatores que compõem o CETD indica uma relação muito próxima entre os aspectos emocionais e cognitivos, o que concede um destaque especial para o papel do treinador na otimização do potencial de rendimento de cada jogador, considerando que: 1) é responsável direto pela avaliação do rendimento do jogador, definindo inclusive se ele vai ou não jogar; 2) sua atitude nos treinos e jogos define o clima motivacional que cerca a atuação dos jogadores, podendo influenciar na percepção do jogo como um desafio ou uma ameaça; 3) tem a responsabilidade de fornecer aos jogadores orientações sobre como aprender a corrigir seus erros e a tomar as decisões corretas.

Diante do exposto, a hipótese geral que orienta esse terceiro estudo, afirma que o estilo de tomada de decisão dos jogadores sofre uma grande influência do estilo de

liderança utilizado pelo treinador para conduzir o treinamento e para orientar a equipe durante os jogos.

Para melhor entender o papel exercido pelo treinador sobre os jogadores, recorre-se aos estudos acerca do Modelo Multidimensional de Liderança de Chelladurai & Carron (1978, 1980 *apud* CHELLADURAI, 1984); concentrando-se nas investigações que se preocuparam em analisar as conseqüências da percepção que o jogador possui do estilo de liderança e das ações do treinador, verificando em que medida tais percepções influenciam o desempenho e a satisfação dos atletas (COSTA, 2006; LOPES, 2006, GOMES, 2005, WEINBERG & GOULD, 2001).

O levantamento bibliográfico da literatura científica sobre as conseqüências do estilo de liderança dos técnicos no rendimento dos jogadores tem abordado diversos temas psicológicos, tais como: satisfação, coesão, auto-percepção do desempenho e motivação (WEINBERG & GOULD, 2001; GOMES, 2005). Não foram encontrados relatos de pesquisas científicas dedicadas a compreender a correlação existente entre os comportamentos de liderança do treinador e o perfil de tomada de decisão do atleta.

O Estudo 3 se justifica pelo fato de buscar um melhor entendimento da relação construída entre treinador e jogador, de forma a: 1) conhecer melhor os aspectos que influenciam na maneira como os jogadores tomam decisões durante o jogo, auxiliando os jogadores a compreenderem melhor seu próprio comportamento e, paralelamente, orientando os treinadores sobre as características específicas de cada um dos jogadores; 2) conhecer melhor a percepção que os jogadores têm do estilo de liderança do treinador, analisando como essa percepção influencia na sua capacidade de tomar decisões durante o jogo e, ao mesmo tempo, orientando os jogadores sobre como entender melhor a personalidade do treinador; 3) acompanhar as dificuldades tanto do treinador de se comunicar com o jogador, como do jogador de interpretar de maneira positiva as ações e orientações do treinador, ciente de que esse espaço deve ser ocupado pelo psicólogo esportivo, suprimindo as falhas de ambos os lados, de forma intervir para que tais dificuldades não provoquem algum tipo de prejuízo para o rendimento da equipe.

1.2 Objetivos

Geral: Avaliar o comportamento tático do jogador de futebol de campo em função da tomada de decisão e de sua percepção sobre o estilo de liderança do treinador.

Específicos:

1. Validar a versão original do CETD no Brasil (Estudo 1);
2. Comparar os resultados obtidos da versão original do CETD com os obtidos na aplicação do CETD contextualizado por uma situação hipotética de ansiedade elevada (Estudo 2);
3. Identificar como a inter-relação existente entre o perfil de tomada de decisão do jogador de futebol e sua percepção do estilo de liderança do treinador afeta a sua maneira de tomar decisões durante o jogo (Estudo 3);
4. Entender os aspectos que influenciam na maneira como os jogadores tomam decisões durante o jogo;
5. Conhecer melhor a percepção que os jogadores têm do estilo de liderança do treinador, analisando como essa percepção influencia na sua capacidade de tomar decisões durante o jogo.

1.3 Hipóteses

Hipóteses do Estudo 1:

Ho1: A análise fatorial exploratória dos dados obtidos na aplicação da versão traduzida para o português do Questionário de Estilo de Decisão no Esporte - CETD em jogadores brasileiros, de ambos os sexos, de diversas modalidades esportivas e diferentes níveis de competição, não resultará nos mesmos fatores da versão original.

H1: A análise fatorial exploratória dos dados obtidos na aplicação da versão traduzida para o português do Questionário de Estilo de Decisão no Esporte - CETD em jogadores brasileiros, de ambos os sexos, de diversas modalidades esportivas e diferentes níveis de competição, resultará nos mesmos fatores da versão original.

Hipóteses do Estudo 2:

Ho2: Não há diferença entre os resultados obtidos na aplicação da versão original do Questionário de Estilo de Decisão no Esporte quando comparados com os resultados obtidos na sua aplicação contextualizada.

H2: Há diferença entre os resultados obtidos na aplicação da versão original do Questionário de Estilo de Decisão no Esporte quando comparados com os resultados obtidos na sua aplicação contextualizada.

Hipóteses do Estudo 3:

Ho3: O estilo de liderança do treinador não está correlacionado com o perfil de tomada de decisão do atleta.

H3: O estilo liderança do treinador está correlacionado com o perfil de tomada de decisão do jogador de acordo com a TABELA 1, que foi hipotetizada pelo pesquisador:

TABELA 1 – Correlação entre o perfil decisional dos atletas e o estilo de liderança do treinador.

Perfil Decisional	Estilos de Liderança					
	Democrático	Reforço	Situacional	Treino Instrução	Autocrático	Suporte Social
Competência Percebida	Positiva	Positiva	Positiva	Positiva	Negativa	Positiva
Ansiedade e Medo	Negativa	Negativa	Negativa	Negativa	Positiva	Negativa
Aprendizagem Decisional	Positiva	Positiva	Positiva	Positiva	Negativa	Neutra

2 – REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Tática no Esporte

O desenvolvimento de conhecimentos táticos deve ocorrer durante o processo ensino-aprendizagem-treinamento de capacidades de jogo, com o intuito de capacitar os atletas para decidirem de forma rápida, segura e efetiva. A habilidade tática é verificada pela capacidade do atleta em aplicar o conhecimento e a experiência na utilização de recursos técnicos disponíveis para responder adequadamente às situações do jogo (GRECO, 1998).

Cillo (2003) chama a atenção para a necessidade de utilização de procedimentos de ensino e manutenção de comportamentos eficientes, que possibilitem o uso das habilidades técnicas e táticas na obtenção de resultados com o menor gasto de energia possível.

Rezende (2003:13) define habilidades táticas como:

Ações voltadas para o jogar coletivamente, ou seja, a capacidade de tomar decisões sobre o que fazer levando em consideração as circunstâncias do jogo: qual o posição da bola(?) e quais as alternativas de ação tanto dos companheiros como dos adversários(?).

Ainda segundo o autor, as habilidades táticas representam um fenômeno complexo que envolve algumas qualidades dos atletas que conseguem desempenhar bem sua função tática na partida:

1) capacidades perceptivas, relacionadas com a visualização e interpretação das circunstâncias de jogo, com destaque para a distribuição e ocupação do espaço; 2) capacidades cognitivas, relacionadas com a formação de conceitos e as funções da memória que permitam a análise da situação e a tomada de decisão sobre a melhor ação a ser desempenhada e 3) capacidades motoras, relacionadas com o domínio da técnica e a aptidão física para realizar as jogadas de maneira eficiente.

De acordo com Souza et al. (2000) o comportamento tático ocorre quando o atleta, conscientemente, usa seu conhecimento para tomar decisões, que visam aproveitar os deslizes de comportamento dos adversários. O desenvolvimento das habilidades táticas do jogador implica em aprimorar sua capacidade de tomar decisões rápidas e eficazes (GRÉHAIGNE & WALLIAN, 2007; GRÉHAIGNE ET AL., 2001).

O ensino de habilidades táticas deve considerar a presença de quatro elementos, como condições anteriores à ação tática (WESTPHAL ET AL., 1987 *apud* GRECO, 1998):

- Capacidade de calcular o decorrer do tempo e do espaço, em relação a si próprio e ao adversário;
- Conhecimento sobre o significado das características situacionais;
- Conhecimento das alternativas de ação em situações concretas de tomada de decisão;
- Capacidade de avaliar o próprio nível de rendimento, a partir de processos de pensamento e tomada de decisão.

Além das capacidades citadas por Rezende (2003) e Westphal et al. (1987 *apud* GRECO, 1998), o ensino e aperfeiçoamento das habilidades táticas requerem a consideração das características e estados psicológicos do atleta. Dependendo do estado emocional que vivencia na partida, sua percepção pode ser distorcida daquilo que, de fato, está acontecendo no jogo.

A capacidade de raciocínio pode ser comprometida pela presença de outros estímulos estranhos à situação específica da partida. A execução motora das jogadas está sob forte influência do momento psicológico que o atleta vive na partida, podendo, por exemplo, variar desde uma elevada autoconfiança até uma total descrença em suas capacidades.

No jogo, o desempenho do atleta é em grande parte determinado por seu preparo psicológico, ou seja, pela capacidade que ele possui de interagir com o ambiente sem se deixar abater pelas adversidades e nem se animar demasiadamente com as facilidades.

2.1.1 Modelos de Avaliação da Tática no Futebol

Os treinadores de futebol tendem a analisar suas equipes com base apenas naquilo que vêem durante o jogo. Devido à dificuldade inerente ao ser humano de captar e memorizar todas as situações ocorridas na partida, o treinador de futebol não consegue reter com precisão os elementos críticos da partida (ORTEGA, 1999; GARGANTA, 2001).

Pesquisas realizadas por Franks & McGarry (1986 *apud* GARGANTA, 2001), com técnicos de futebol revelaram que, quando solicitados a descrever o que

aconteceu em 45 minutos de uma partida, suas respostas certas foram abaixo de 45%.

Diante dessas dificuldades tem aumentado o interesse da ciência na produção de conhecimento relativa à observação e análise do jogo. Um levantamento bibliográfico realizado por Garganta (2001), apontou para um aumento substancial de pesquisas sobre esse tema a partir da década 30.

Segundo Garganta (2001) e Ortega (1999), os estudos iniciais de análise do jogo focalizaram a distância percorrida pelos jogadores durante os jogos, em seguida, houve uma ampliação do campo de análise, passando a considerar o número, tipo e frequência das atividades motoras realizadas pelos atletas no decorrer da partida.

O próximo passo na evolução da análise do jogo foi a exploração das habilidades técnicas. Devido aos questionamentos sobre a utilidade das conclusões baseadas em dados quantitativos de ações técnicas individuais (CHELLADURAI, 1991), surge a proposta de considerar a questão tática nas análises.

O novo desafio é reunir e confrontar comportamentos expressos no jogo, buscando uma caracterização das ações individuais e coletivas e seus respectivos papéis no desempenho da equipe (CUNHA ET AL., 2001; GRÉHAIGNE & CHANG, 2005; GRÉHAIGNE ET AL., 1997). Nesse sentido, Garganta (2001) aponta três caminhos possíveis:

Reunir e caracterizar blocos quantitativos de dados;

Ênfase na dimensão qualitativa dos comportamentos, com suporte nos dados quantitativos e na efetividade das ações;

Análise da covariação entre variáveis técnicas e táticas.

A análise dos jogos coletivos com ênfase na dimensão tática tem se deparado com a dificuldade de desenvolver instrumentos de medida que satisfaçam as exigências mínimas. Ou seja, confiabilidade, define o grau de consistência (precisão) dos dados, validade, em que medida o instrumento avalia aquilo que se propõe a medir, e sensibilidade, se duas situações distintas forem avaliadas, os resultados devem ser diferentes também e objetividade, a visão do avaliador não interfere significativamente nos resultados das observações (ORTEGA, 1999).

Realizar análise de uma partida de futebol através do registro dos comportamentos dos jogadores e da identificação de padrões de ação coletivos já é

possível atualmente, devido aos avançados recursos tecnológicos e estatísticos (NEVILL ET AL., 2002; LIEBERMANN ET AL., 2002; OSLIN ET AL., 1998; LEES, 2002), por exemplo, o sistema AMISCO, que permite digitalizar as ações dos jogadores e da equipe em tempo real, visualizando todo o campo de jogo (GARGANTA, 2001).

O desenvolvimento dos meios de observação permite responder às questões sobre quem executa a ação, qual ação foi realizada, onde e quando ela é realizada (GARGANTA, 2001). O próximo passo em direção a uma compreensão ecológica do comportamento tático no futebol deve ser dado para entender o que se passa na cabeça do jogador no momento em que ele está prestes a tomar uma decisão, que pensamentos dirigem sua tomada de decisão? Como seu estado emocional afeta suas habilidades táticas?

A psicologia do esporte tem um longo caminho a trilhar para responder essas questões. O importante é persistir no propósito de criar meios ecológicos e objetivos para a avaliação dos jogadores no ambiente real, durante o jogo. De fato, como o desempenho esportivo inclui uma série de comportamentos não observáveis, sua avaliação passa pela verbalização dos jogadores, que nem sempre corresponde exatamente ao que aconteceu, por vários motivos: esquecimento, manipulação das informações, etc.

As ferramentas disponíveis para avaliação psicológica das ações táticas resumem-se a relatos dos jogadores após o jogo ou com auxílio de imagens gravadas sobre o “porquê” de seus comportamentos (BLOMQUIST ET AL., 2005; RULENCE-PÂQUES ET AL., 2005; MCMORRIS, 1997; MCMORRIS & GRAYDON, 1996) ou à aplicação de testes psicológicos (LEE ET AL., 2007; RUIZ & GRAUPERA, 2005; SPICER & SADLER-SMITH, 2005; MARTINEZ, 2002; BUSCÁ & RIERA, 1999; IGLESIAS, 1999).

2.2 Tomada de Decisão no Esporte

Em uma partida de futebol é possível observar as constantes mudanças nas condições de jogo, em função do posicionamento da bola e dos jogadores. Para

cada contexto, os jogadores devem tomar uma decisão sobre o que fazer e ainda realizá-la com perfeição. Conhecer quais movimentos realizar para obter êxito em diferentes situações esportivas, não é a mesma coisa que saber como e quando as técnicas devem ser desenvolvidas para alcançar o melhor rendimento. O primeiro caso envolve a seleção de uma resposta, enquanto este está relacionado à tomada de decisão.

No decorrer da competição o atleta pode tomar decisões corretas e não executar a técnica com perfeição, em contrapartida ele pode possuir habilidades motoras avançadas, mas enfrentar dificuldades no momento de escolher as melhores alternativas.

É importante frisar, como mencionado anteriormente, que as duas capacidades (técnica e tática) não ocorrem separadamente, por mais que os treinamentos insistam em tratá-las de forma compartimentadas e independentes (GRÉHAIGNE ET AL., 2001). A consequência disso são treinamentos que entendem o homem sob uma ótica dualista, na qual existe um homem orgânico, apto ao treinamento motor da técnica e outro mental, cuja aprendizagem da tomada de decisão (tática) está condicionada a metodologias diferenciadas e não muito claras (CILLO, 2003).

Gréhaigne et al. (2001) consideram que os fatores que influenciam a tomada de decisão no esporte envolvem as características individuais dos jogadores e os chamados aspectos coletivos:

Aspectos Individuais

- Estratégia individual: hipóteses do jogador sobre que ações serão realizadas por seus companheiros e oponentes;
- Conhecimento de base: conhecimentos teóricos (declarativo) e práticos (procedimental) que o atleta acumulou com sua experiência;
- Conhecimento tático: tipo de conhecimento relacionado ao aprendizado passado, através dos resultados (certo ou errado) das decisões que tomou nos jogos;
- Recursos técnicos: nível de habilidade motora geral e específica;
- Localização e postura: envolve a capacidade do atleta de perceber adequadamente sua posição e postura no ambiente do jogo.

Aspectos Coletivos

- Estratégia coletiva: envolve os planos e princípios escolhidos antes da competição, com o objetivo de organizarem as ações dos jogadores e do time como um todo, durante a partida;
- Relações de força: refere-se ao antagonismo, existente entre os jogadores ou grupos de jogadores, mediado por regras específicas da modalidade capaz de gerar um modo de interação peculiar para cada esporte;
- Redes de competência: rede de relacionamento de cada jogador com a equipe. Envolve a definição de papéis e do *status* dos atletas na estrutura do grupo.

Segundo Gréhaigne et al. (2001), esses aspectos se inter-relacionam formando um pano de fundo dos processos cognitivos da tomada de decisão, que abrangem: 1) a captação de informações do jogo, 2) a construção de uma representação da situação, 3) avaliação de possíveis ações e 4) organização de um cenário de ações.

Segundo Gréhaigne & Wallian (2007) a percepção é um momento crítico para a TD, por ser a etapa na qual o atleta avalia o que está acontecendo no ambiente e absorve informações que embasaram a TD. Entretanto, não basta a capacidade de perceber, é preciso ainda, um estado de motivação do atleta que o impulse a agir de uma determinada maneira, seja respondendo ou inibindo-se (GASPAR ET AL., 2005).

Temprado (1982 *apud* GASPAR ET AL., 2005) afirma que a TD no esporte é eminentemente cognitiva e afetiva. Em outras palavras isso significa que para aperfeiçoar o rendimento esportivo do atleta não basta melhorar sua capacidade cognitiva de avaliar as possibilidades disponíveis, é preciso também desenvolver a autoconfiança e o autocontrole para agir.

A tomada de decisão, na opinião de Gréhaigne et al. (2001) precede as execuções motoras e condicionam a qualidade da ação final, além de ser um importante componente da tática e contribuir para implementação da estratégia definida. Para Souza et al. (2000) o processo decisório está presente em toda a cadeia comportamental analisada, tendo em vista envolver a determinação das probabilidades de êxito se considerado certos resultados e avaliação das alternativas.

Segundo Abernethy (1996 *apud* ROYAL ET AL., 2006), tomada de decisão é o processo de escolha das respostas de movimento apropriado dentre uma gama de possibilidades. A execução eficaz de uma determinada ação no esporte requer certo nível de destreza motora, além da capacidade de escolher qual a ação mais indicada a ser realizada. Todavia, nos esportes coletivos a situação é mais complexa. No caso do futebol, jogar bem, significa ser capaz de escolher a ação mais indicada para cada momento e executá-la de forma eficiente e consistente durante toda a partida (GRÉHAIGNE ET AL., 2001).

Durante o jogo de futebol os jogadores se deparam com um cenário com diferentes graus de complexidade, dinamismo e incerteza, no qual a tomada de decisão é constantemente exigida.

McMorris & MacGillivary (1988 *apud* IGLESIAS, 1999) indicaram os fatores contextuais que o jogador de futebol deve considerar antes de tomar uma decisão no jogo:

- Sua própria habilidade;
- Habilidade do adversário;
- As condições do local do campo onde está realizando a ação;
- Característica do seu marcador;
- Zona do campo onde está.

Abernethy et al. (2000) define o processo de TD como a seleção do modo correto de agir, com o contexto atual e com as experiências vividas pelo atleta. Rezende e Valdés (2004, p. 01) acrescentam que a “tomada de decisão consiste na apresentação de uma determinada situação de jogo, sob a forma de um problema tático (*o que fazer?*), onde o sujeito deve analisar as circunstâncias e responder, o mais rápido possível, qual é a melhor opção de jogo”.

Compreender e conhecer o processo de TD e o papel dos diferentes mecanismos envolvidos nesse processo, bem como seus condicionantes é de grande interesse para treinadores e jogadores (RUIZ & ARRUIZA, 2005).

No entanto, a TD no esporte é uma área que tem sido pouco estudada dentro de uma perspectiva científica, apesar de sua enorme importância para a atividade esportiva (GASPAR ET AL., 2005). Os obstáculos na realização dessas pesquisas se justificam pelas mesmas dificuldades encontradas no estudo da tática, isto é, avaliar

a performance a partir de testes padronizados capazes de fornecer dados objetivos e confiáveis sobre a tomada de decisão (BLOMQVIST ET AL., 2005).

Segundo Bar-Eli & Raab (2006) o estudo da tomada de decisão remonta à década de 40, sob a orientação de três áreas dominantes: a) teoria da decisão e do jogo, relacionado com a matemática e a economia; b) psicológica, em especial as motivações individuais e c) os processos de aprendizagem motora e sociológica, preocupada em explicar a TD em situações sociais.

Apenas na década de 80 a comunidade científica atentou-se que o ambiente esportivo, por ser um laboratório em potencial para estudos sobre processos cognitivos, era apropriado para a pesquisa sobre TD. (GILOVICH, 1984 *apud* BAR-ELI & RAAB, 2006).

As pesquisas iniciais sobre TD ocorreram em contextos de laboratórios, nos quais se buscava reproduzir as situações vividas pelos esportistas. Mesmo não conseguindo atingir a contento esse objetivo, as tarefas apresentadas envolviam processos cognitivos relevantes aos comportamentos de decidir (RUIZ & ARRUZA, 2005).

O foco principal desses estudos era o processamento visual ou as diferentes estratégias perceptivas nas distintas fases do jogo (ataque e defesa). Para tal, procedia-se à comparação entre atletas de alto nível (*experts*) e novatos (*novices*), com o intuito de descobrir como os primeiros percebiam, codificavam e recuperavam as informações necessárias para tomar as decisões no esporte (BAR-ELI & RAAB, 2006; RUIZ & ARRUZA, 2005).

O grande problema dessa linha de pesquisa foi o uso de situações estáticas (fotos) para avaliar a capacidade dos esportistas, mediante respostas diferentes (escrever) das requeridas pela situação esportiva real.

A abordagem mais utilizada nas últimas décadas para estudar a TD no esporte tem sido a cognitiva (RUIZ & ARRUZA, 2005; SOUZA ET AL., 2000). Estudos têm procurado entender o processamento das informações disponíveis no contexto esportivo, como as características do jogo (regras, técnicas, estratégias e táticas) e dos adversários (GRECO, 2006; JOHNSON, 2006; ROYAL ET AL., 2006; SÁNCHEZ & RUIZ, 2006; PÂQUES-RULENCE ET AL., 2005; RUIZ & ARRUZA, 2005; CAMPOS, 2004; SOUZA ET AL., 2000).

No enfoque cognitivo acredita-se que o jogador percebe as informações disponíveis e relevantes, processa-as e, em seguida, comporta-se de forma contextualizada e consciente (ABERNETHY, 1996 *apud* ROYAL ET AL., 2006; GRÉHAIGNE ET AL., 2001).

A abordagem cognitiva sofreu algumas críticas, sobretudo dos teóricos que defendem o entendimento da tomada de decisão sob uma perspectiva ecológica (ARAÚJO ET AL., 2006; ARAÚJO ET AL., 2005). Segundo esses teóricos a abordagem cognitiva estuda a tomada de decisão considerando o processamento de informações dentro de um “sistema fechado”, no qual o indivíduo capta os estímulos, analisa-os e toma as decisões.

O controle rigoroso das variáveis em ambientes fora da realidade, na opinião de Araújo et al. (2006), afasta os estudos do entendimento da tomada de decisão no esporte. Para os autores é importante que a tomada de decisão seja pesquisada o mais próxima possível de seu contexto natural, considerando, a relação de cada atleta com os constrangimentos específicos de cada contexto.

A evolução dos estudos demonstrou que a TD no esporte não era fruto apenas da capacidade perceptiva do atleta, outros fatores também assumem papel importante na construção da capacidade de decidir com eficiência (BAR-ELI & RAAB, 2006). As pesquisas passaram então a analisar a tomada de decisão a partir da compreensão da função conjunta entre as características da situação/tarefa e o conhecimento e experiência do esportista sobre seu esporte (RUIZ & ARRUZA, 2005).

De acordo com Araújo & Serpa (1999), nessa fase inicial, podem ser identificados na literatura dois tipos distintos de investigação sobre TD: relacionada às características perceptivas e as que se baseiam nas representações do conhecimento subjacente à TD. Bar-Eli & Raab (2006) acrescentam uma terceira área, que considera os contextos específicos da situação.

No final da década de 1990 os pesquisadores passaram a considerar, nos estudos sobre TD, quais aspectos do indivíduo e da situação (ambiente) estão relacionados com a capacidade de tomada de decisão do esportista e como eles interferem nessa capacidade.

Souza et al. (2000) afirmaram que para se decidir adequadamente é preciso conhecer a) a situação que exige uma decisão, b) as possibilidades de respostas para solucionar a questão e c) os resultados que a escolha de cada opção ocasionará. Já Garganta e Oliveira (1996, *apud* SOUZA ET AL., 2000:39) consideram que o comportamento inteligente nos jogos esportivos está relacionado com a capacidade dos jogadores em assegurarem três tipos de funções:

- Funções de resolução: elaborar e selecionar soluções pertinentes para atingir os objetivos e resolver problemas;
- Funções de compreensão: responder de modo coerente e apropriado às questões e criar formas significativas compreensíveis;
- Funções de efetuação: organicamente ligadas às tomadas de decisão.

Ruiz & Arruza (2005) analisam a tomada de decisão observando os aspectos individuais e situacionais envolvidos no processo, conforme se observa a seguir:

Aspectos Individuais

- Probabilidade de êxito ou acerto;
- Idéias anteriores;
- Excesso de confiança;
- Atuação conjunta de sentimentos e percepção.

Aspectos Situacionais

- Complexidade;
- Dinamismo;
- Incerteza.

Segundo Ruiz & Graupera (2005), o comportamento tático e decisional de um jogador estão diretamente relacionados com a capacidade de perceber e interpretar a situação do jogo, o que implica além do uso do sistema cognitivo, o uso dos sistemas volitivo, motivacional e emocional. Com isso, é preciso considerar no estudo da TD outras características dos jogadores, como a confiança que ele tem em suas habilidades, sua preocupação em aprimorar a capacidade de decidir durante o jogo, sua competência para superar situações de pressão e o compromisso que encara a partida.

Ruiz (2000 *apud* GASPAR ET AL., 2005) levanta a questão sobre a existência ou não de um perfil ou estilo de decidir. Alguns autores consideram que é possível falar em um estilo ou perfil de tomada de decisão. Além das características da tarefa

e do ambiente, as diferenças individuais causam impacto na forma como são tomadas as decisões, isto é, diferentes interpretações da mesma situação de decisão podem ser atribuídas às diferenças individuais de capacidade de processamento, combinadas com fatores de personalidade e percepção (SPICER & SADLER-SMITH, 2005).

De acordo com Driver *et al.* (1990 *apud* SPICER & SADLER-SMITH, 2005), o estilo de tomada de decisão pode ser definido como aquilo que foi aprendido, o padrão de resposta habitual exibido por indivíduo quando confrontado com uma situação de decisão.

Para Hunsaker & Alexandra (1980), citados por Tenenbaum & Bar-eli (1992 *apud* GASPAR ET AL., 2005) os estilos de decisão são definidos como os métodos aprendidos de processar informação e tomar decisões. Dentre as muitas questões que carecem de respostas, ainda há dúvida se o estilo decisional do jogador varia conforme as situações do jogo ou se é possível falar sobre estilo decisional da equipe (RUIZ, 2000 *apud* GASPAR ET AL., 2005).

2.2.1 Instrumentos de Avaliação da Tomada de Decisão no Esporte

Instrumentos padronizados e capazes de avaliar objetivamente a tomada de decisão no esporte são escassos na literatura, em virtude de algumas dificuldades metodológicas para desenvolvê-los (BLOMQUIST ET AL., 2005). A principal delas é a dificuldade de acesso/observação dos processos envolvidos na tomada de decisão.

A avaliação da tomada de decisão no esporte não se trata apenas de quantificar categorias de comportamentos motores emitidos pelos atletas e relacioná-los com os resultados obtidos. Quando se trata de tomada de decisão, grande parte dos comportamentos envolvidos apresenta-se encoberto, ou seja, não são passíveis de observação (GARGANTA, 1997 *apud* CILLO, 2003).

Estudos que avaliam a TD no esporte têm abordado a relação entre o nível de conhecimento que os jogadores possuem da modalidade (regras, estratégias), também chamado de conhecimento declarativo, e o desempenho esportivo (POOLTON ET AL., 2006; JIMÉNEZ & RUIZ, 2006; GALLEGO ET AL., 2003).

A tomada de decisão também tem sido estudada a partir da apresentação aos atletas, através de vídeo e fotos, de situações problemas, representando eventos ocorridos na prática esportiva, seguida de uma avaliação sobre o tempo e a acurácia da resposta dada (ROYAL ET AL., 2006; ARAÚJO ET AL., 2005).

Outros métodos também têm sido empregados para avaliar a tomada de decisão no esporte, dentre eles os que consideram a observação do desempenho (FRENCH & THOMAS, 1987), uso de questionários e entrevistas (FRENCH & THOMAS, 1987) e verbalização das decisões (NEVETT & FRENCH, 1997).

Um aspecto pouco abordado pelos pesquisadores é a análise que os jogadores podem fazer de seus próprios comportamentos de decisão. Como eles se percebem ou relatam os processos envolvidos durante o ato de decidir? Ainda assim, Ruiz (2000 *apud* GASPAR ET AL., 2005) considera válido usar cenários verídicos para os atletas avaliarem e responderem o que fariam diante de tais situações.

Com o objetivo de entender melhor sobre o que os atletas pensam, como percebem seus próprios comportamentos de decisão durante o jogo e como isso influencia suas decisões, Ruiz et al. (1998) desenvolveram um questionário que retrata a dimensão subjetiva da TD, chamado Questionário de Estilo de Tomada de Decisão no Esporte (*Cuestionario de Estilo de Toma de Decisión en el Deporte – CETD*), aprimorado posteriormente por Ruiz & Graupera (2005).

O estudo inicial (RUIZ ET AL., 1997 *apud* RUIZ ET AL., 1998) foi realizado com 127 atletas de diferentes esportes e níveis de perícia. A partir dessa aplicação foram definidos 4 fatores distribuídos em 39 itens. Os fatores foram: Competência Decisional Percebida, Ansiedade e Medo, Compromisso com a Aprendizagem Decisional e Iniciativa ao Decidir que culminou na criação do CETD (RUIZ ET AL., 1998). Ruiz & Graupera (2005) realizam um estudo de validação desse questionário obtendo 3 fatores (competência decisional percebida, ansiedade e medo ao decidir, compromisso e aprendizagem decisional) com 30 itens.

O CETD tem como objetivo traçar um perfil decisional do atleta em uma situação de jogo, para relacioná-lo com outras variáveis sociais ou pessoais que possam interferir em sua maneira de decidir (GASPAR ET AL., 2005).

O perfil é traçado com base nos escores obtidos em cada um dos fatores do teste.

O atleta que apresenta uma alta pontuação no fator competência decisional percebida é caracterizado como alguém que prefere decidir, que não se importa em tomar decisões arriscadas, mesmo porque se acha competente para isso, além de assumir uma postura otimista em relação às dificuldades que surgem.

Aquele em que prevalece a dimensão aprendizagem decisional percebida, demonstra um compromisso com os aspectos estratégicos do jogo, procurando seguir à risca as orientações do treinador, o que caracteriza a predominância de um estilo mais conservador.

O jogador com alto índice no fator ansiedade e medo ao decidir, caracteriza-se por uma dificuldade de tomar decisões, tendo em vista a valorização exacerbada de fracassos anteriores, o que, por si só, interfere negativamente na atuação do atleta e na percepção de baixa capacidade em agir de maneira correta (GASPAR ET AL., 2005).

Segundo Ruiz et al. (1998) o perfil decisional ideal do atleta apresenta alto escore em competência (COMPE) e aprendizagem (APREN) e baixa pontuação em ansiedade (ANSIE), conforme a FIGURA 1:

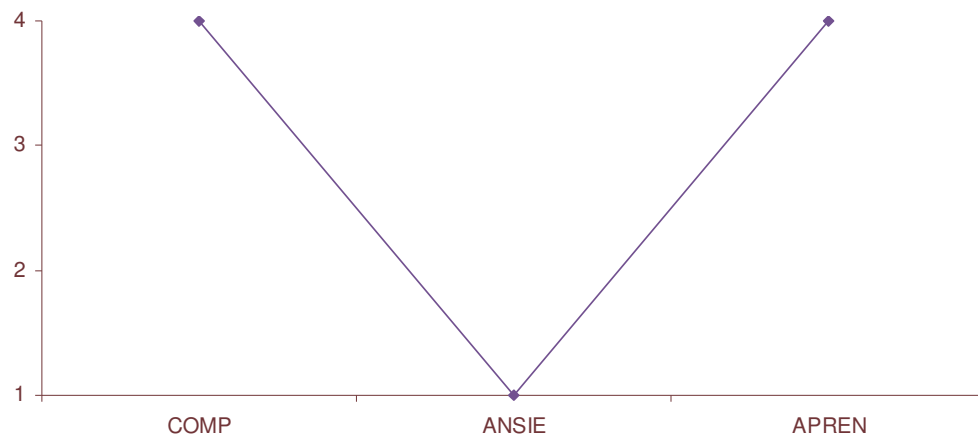


FIGURA 1 – Perfil decisional ideal do estilo de tomada de decisão no esporte

O CETD busca fornecer informações sobre a dimensão subjetiva na tomada de decisão no esporte (RUIZ & GRAUPERA, 2005). Os aspectos escolhidos pelos autores para caracterizar o que eles chamaram de “dimensão subjetiva”, foram: a percepção que o atleta possui sobre sua competência em decidir acertadamente, quais efeitos as situações de incerteza e nervosismo podem causar nas decisões

tomadas no esporte e, por fim, o compromisso do atleta em buscar melhorar sua capacidade de tomar decisões.

No entanto não se sabe, se essas informações representam um traço característico do jogador, no sentido de que, independente da situação, ele se comportará dentro de um perfil encontrado no teste. Em contrapartida, o resultado do CETD pode estar relacionado a um estado psicológico do atleta, que apresenta possibilidades de mudança conforme os diferentes contextos esportivos. O modelo teórico que embasou o desenvolvimento do CETD acredita ser possível identificar um “estilo pessoal” de tomada de decisões, mais próximo de um padrão de comportamento (RUIZ ET AL., 1998; RUIZ & GRAUPERA, 2005).

2.4 Liderança no Esporte

A atuação do líder no esporte, quando efetiva, contribui para um melhor desempenho de todos os envolvidos. Os pesquisadores têm estudado quais fatores estão associados a essa liderança efetiva (WEINBERG & GOULD, 2001).

2.4.1 Conceitos de Liderança

A área de estudos da liderança é bastante ampla, sendo que sua definição está sempre ligada à influência de uma pessoa sobre outra ou sobre um grupo para que eles atinjam seus objetivos (LOPES ET AL., 2004).

As equipes de futebol estão estruturadas não apenas por variáveis físicas, técnicas e táticas, mas se caracterizam como micro-sistemas sociais de rendimento, nos quais as representações de liderança de técnicos e jogadores contribuem para dar a eles e à equipe um padrão de comportamento coletivo (SIMÕES ET AL., 1998).

O entendimento sobre liderança varia conforme as correntes e os modelos teóricos, gerando um número bastante elevado de conceitos. A definição mais consensual no meio acadêmico e que mais se aplica ao esporte (GOMES, 2005; ALVES, 2000) é a de Barrow (1977 *apud* WEINBERG & GOULD, 2001), que entende

a liderança como processo comportamental de influenciar indivíduos e grupos na direção dos objetivos definidos.

O caráter generalista dessa definição é útil por englobar muitas dimensões da liderança, no caso do esporte, a tomada de decisão, técnicas motivacionais, confiança entre os envolvidos, relacionamento interpessoal, as políticas e estratégias de planejamento e orientação do grupo e as regras e normas que gerenciam o funcionamento das equipes (WEINBERG & GOULD, 2001; HORN, 1992 *apud* GOMES, 2005).

Segundo Weinberg & Gould (2001), uma análise mais geral desses aspectos implícitos na liderança a partir de diferentes abordagens identificou quatro componentes que podem explicar o comportamento de liderar efetivo de alguns treinadores: 1) qualidades do líder (ex: integridade, flexibilidade, lealdade, confiança, franqueza, paciência, etc.), 2) estilos de liderança, deve variar de acordo com as características dos atletas e das circunstâncias, 3) Fatores circunstanciais, referem-se ao contexto e local de trabalho (ex: no caso do futebol, as tradições do clube, papel da torcida, estrutura da comissão técnica, etc.) e 4) características dos atletas (ex: sexo, idade, nível de capacidade, personalidade, etc.).

O líder, na figura do treinador, deve ser capaz de se relacionar e estabelecer vínculos com seus atletas, além de contribuir para a construção de um ambiente regido por normas justas e claras, que não se contraponham à cultura organizacional do clube.

2.4.2 Modelo Multidimensional de Liderança no Esporte

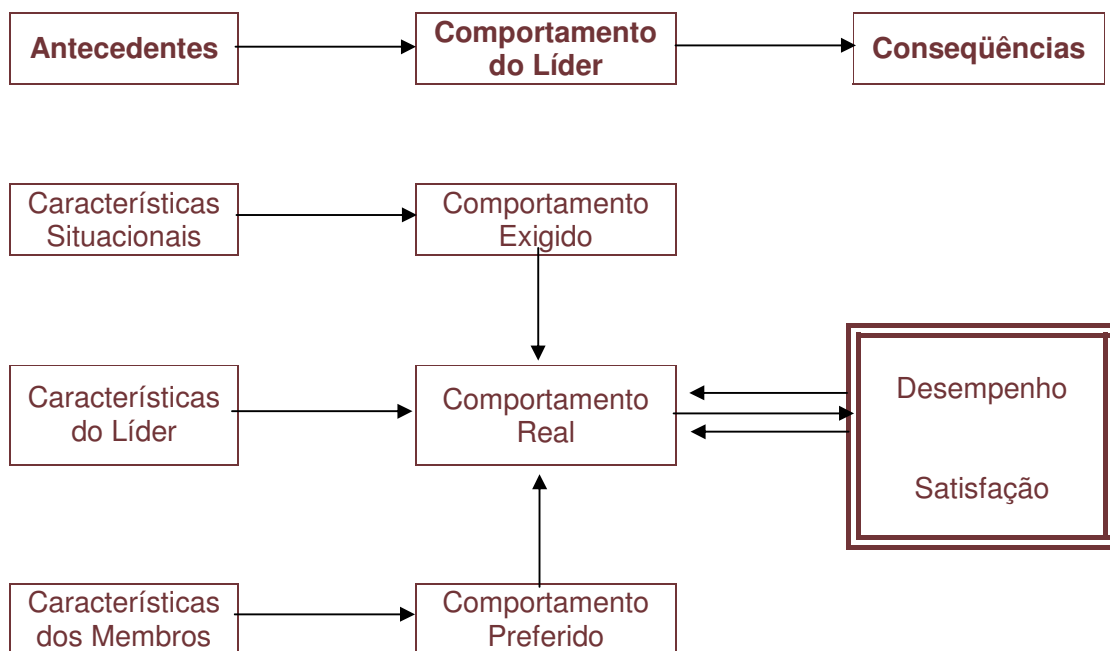
Apesar dos modelos discutidos anteriormente fornecerem uma base sólida para o entendimento da liderança, suas origens são de ambientes não-esportivos, tais como a indústria e o setor militar (WEINBERG & GOULD, 2001).

Chelladurai & Carron (1978, 1980 *apud* CHELLADURAI, 1984) desenvolveram o Modelo Multidimensional de Liderança no Esporte para entender os aspectos específicos dos contextos esportivos na relação entre líderes e membros da equipe.

Esse modelo enfoca três aspectos do comportamento do líder: exigido, real e preferido. Um resultado positivo, entendido como um ótimo desempenho e a satisfação dos membros ocorrerão se houver uma congruência entre os três

aspectos do comportamento do líder. As variáveis antecedentes a esses aspectos são classificadas como: características da situação, do líder e dos membros do grupo, conforme a FIGURA 2 (página seguinte).

O comportamento exigido é determinado pelas características situacionais e dos membros. Aquelas estão relacionadas com os objetivos da equipe, especificidades da modalidade (individual ou coletiva), nível de competitividade (equipes profissionais ou universitárias), normas sociais e valores culturais. Enquanto as características dos membros dizem respeito à maturidade, nível de habilidade, tempo de experiência na modalidade, dentre outros aspectos pessoais (COSTA, 2006).



Adaptado de CHELLADURAI, 1990 *apud* NOCE, 2006.

FIGURA 2 – Modelo Multidimensional de Liderança no esporte

O comportamento preferido é composto pela interação das características situacionais e dos membros. Em outras palavras, espera-se que as atitudes do líder na condução da equipe ocorram em função das especificidades das situações e das características de seus atletas, tais como, necessidade de afiliação, orientações

motivacionais em relação aos aspectos competitivos e os níveis de maturidade e desenvolvimento cognitivo.

Os comportamentos reais do treinador dependem da combinação entre suas características pessoais, como personalidade, capacidade e experiência e aquilo que lhe é exigido e preferido pela situação e pelos membros da equipe. Logo o treinador estará contribuindo para o desempenho e satisfação dos seus jogadores, na medida em que consegue obter uma congruência entre os comportamentos requeridos e exigidos com seus comportamentos reais (GOMES, 2005; WEINBERG & GOULD, 2001).

Com o intuito de realizar estudos sobre esse modelo, Chelladurai & Saleh (1980) desenvolveram a Escala de Liderança para o Esporte (*Leadership Scale for Sport – LSS*), posteriormente revisada por Zhang et al. (1997), que criaram a Escala de Liderança Revisada para o Esporte (*Revised Leadership Scale for Sport – RLSS*).

2.4.3 Instrumentos de Avaliação da Liderança no Esporte

Diversos instrumentos foram desenvolvidos por pesquisadores interessados em estudar o que caracteriza um treinador que assume um papel de liderança efetiva no meio esportivo.

Dosil (2004 *apud* COSTA, 2006) lista os mais utilizados no estudo da liderança no esporte e que foram construídos até a década de 1990, conforme a TABELA 2 abaixo:

TABELA 2 – Instrumentos de avaliação da liderança no esporte

Instrumentos	Autores	Ano
Leader Behavior Description Questionnaire (LDBQ)	Danielson, R. R.; Zelhart, P. F. & Drake, C. J.	1975
Coaching Behavior Assessment System (CBAS)	Smith, R. E.; Smoll, F. L. & Hunt, E. B.	1977
Leadership Scale for Sports (LSS)	Chelladurai, P. & Saleh, S. D.	1980
Medford Player Coach Interaction Inventory (MPCII)	Medford, P. & Thorpe, J. A.	1986

Scale of Athlete Satisfaction (SAS)	Chelladurai, P.; Imamura, H.; Yamaguchi, Y.; Oinuma, Y & Myachi, T.	1988
Sport Leadership Behavior Inventory (SLBI)	Glenn, S. D. & Horn, T. S.	1993
Leadership Quality Scale (LQS)	Zhang, J. J. & Pease, D. G.	1995

Um outro instrumento que não está presente na relação de Dosil, mas tem sido utilizado em pesquisas no Brasil (COSTA, 2006; LOPES, 2006) é a Escala de Liderança Revisada para o Esporte (*Revised Leadership Scale for Sport – RLSS*), desenvolvida por Zhang et al. (1997) a partir do aprimoramento da Escala de Liderança para o Esporte (LSS) de Chelladurai e Saleh (1980).

Após revisar estudos que utilizaram a Escala de Liderança no Esporte (CHELLADURAI, 1981 e CARRON, 1991 *apud* COSTA, 2006), Chelladurai (1990) identificou alguns problemas na escala, tais como, o enfoque dos itens ser mais voltado para as freqüências do que para o contexto dos comportamentos e a escala ter sido construída baseada em testes da área organizacional, sem relação direta com o esporte. Além disso, segundo Chelladurai e Saleh (1980), apenas as dimensões relacionadas aos atletas foram testadas estatisticamente.

Nesse sentido, Zhang et al. (1997) revisaram as três versões da LSS (percepção e preferência dos jogadores e percepção do treinador), a partir de cinco estágios: a) adição de dimensões e itens; b) revisão lingüística da versão inicial da RLSS; c) teste de validade de conteúdo; d) teste de validade de construto e consistência interna e f) proposta da versão final.

No processo de revisão da escala foram mantidas cinco dimensões originais da LSS e acrescentada uma nova dimensão: comportamento situacional ou de situação. As dimensões são divididas pelo estilo de decisão predominante (democrático ou autocrático) e pelo estilo de interação que o treinador adota (demais dimensões). Os itens e dimensões ficaram distribuídos conforme a TABELA 3:

TABELA 3 – Descrição das dimensões da RLSS

Dimensões	Comportamentos Típicos do Treinador	Quant.	Itens
Democrático (DEM)	Permite a participação dos atletas nas decisões da equipe, respeita e aceita os direitos dos jogadores.	12	4, 7, 9, 13, 14, 25, 30, 47, 50, 51, 55, 57
Autocrático (AUT)	Uso da autoridade pessoal para tomar as decisões com pouca ou nenhuma	08	6, 21, 28, 34, 35, 40, 46, 59

participação dos atletas.			
Reforço (REF)	Reconhece e recompensa o rendimento dos jogadores.	12	15, 18, 20, 29, 31, 41, 42, 45, 49, 52, 53, 56
Situacional (SIT)	Considera as características individuais dos atletas (maturação, habilidade) para nortear o trabalho.	10	1, 5, 8, 10, 11, 24, 32, 43, 44, 60
Treino-Instrução (TI)	Foco na melhora do rendimento do atleta, através do planeamento e estruturação das atividades. Fornece instruções técnicas e táticas.	10	3, 12, 19, 22, 23, 27, 36, 37, 38, 39
Suporte Social (SS)	Valorização do bem-estar dos jogadores, busca promover um clima positivo nas relações interpessoais da equipe.	08	2, 16, 17, 26, 33, 48, 54, 58

2.5 O treinador de Futebol

Desde a institucionalização do futebol, em meados de 1885 na Inglaterra, os técnicos já mostravam seu valor. Apesar da opinião contrária de alguns dirigentes, que preferiam privilegiar os *grounds committees*, grupos que dirigiam as equipes e eram formados por amigos dos cartolas e sócios dos clubes. Limitavam-se, quase sempre, a promover cansativas sessões de ginástica e transmitir algumas instruções sem valor nenhum (ASSAF, 2002). Quando o futebol atinge um caráter estritamente profissional o técnico conquista de fato seu espaço nas equipes (BECKER JR., 2000).

Segundo Moraes et al. (1999 *apud* COSTA, 2006) os treinadores são “professores que ensinam a seus atletas habilidades físicas, técnicas, táticas e mentais. Eles os ensinam como aplicar o conhecimento que eles adquirem no treinamento para o âmbito da competição, como também a serem atletas proficientes” (p.184).

A frase de Chelladurai (1984 *apud* BRANDÃO ET AL., 2002) dá a verdadeira dimensão da importância do técnico esportivo na atualidade: “Em nenhum outro campo nós iremos encontrar tantos jovens, voluntariamente, submetendo a si próprios à autoridade de um indivíduo, o técnico, como no meio esportivo” (p. 329).

Os técnicos têm a tarefa de assegurar aos atletas o máximo possível de oportunidades para alcançarem o sucesso, tanto individual, como coletivo. Entretanto, não basta melhorar as habilidades físicas, técnicas e táticas, é necessário

que assumam um papel de liderança e oriente seus jogadores para superarem com êxito as adversidades inerentes à competição (BRANDÃO, 2003).

Segundo Brandão et al. (2002), o ambiente esportivo exige do técnico, o cumprimento de muitos papéis, dentro de um vasto campo de atividades, que vai do administrador ao amigo dos atletas. Algumas funções, no entanto, se sobressaem: de estrategista, implica em entender os sistemas e estratégias usadas por seus adversários, para desenvolver meios de neutralizá-las e superá-las; professor, envolve um conhecimento profundo da modalidade e a instrução dos jogadores de como realizar os movimentos; e “psicólogo”, quando o técnico tem que atuar na melhoria da comunicação, na motivação da equipe e no desenvolvimento da autonomia dos jogadores.

Devido à importância que o papel do técnico assume no futebol é importante a realização de estudos que o envolvam, com o intuito de gerar conhecimento capaz de levantar elementos para contribuir com a evolução do trabalho dos treinadores.

2.6 Ansiedade no Futebol

A ansiedade é definida por Weinberg & Gould (2001, p.96) como “um estado emocional negativo caracterizado por nervosismo, preocupação e apreensão e associado com ativação ou agitação do corpo”. O componente de pensamento envolvido é chamado de ansiedade cognitiva, enquanto o grau de ativação com efeitos fisiológicos é chamado de ansiedade somática.

Além dessa distinção, a ansiedade pode ser classificada em ansiedade-traço e ansiedade-estado (WEINBERG & GOULD, 2001).

A ansiedade-estado refere-se ao componente do humor em constante variação é definido. A ansiedade-estado competitiva está presente quando ocorrem alterações em determinados momentos, com relação a sentimento de nervosismo, preocupação e apreensão associada com estímulos ao corpo. Podendo ainda ser classificada como um estado emocional rápido, imediato, instantâneo e transitório, expressos por respostas do indivíduo, que percebe antes, durante e após a

competição, certas situações como ameaçadoras, estando ou não presentes o perigo real. (WEINBERG E GOULD, 2001).

A ansiedade-traço é conceituada como uma tendência ou disposição comportamental adquirida que predispõem o indivíduo a perceber como ameaçador situações, que objetivamente não representam perigo real, seja físico ou psicológico (WEINBERG E GOULD, 2001). No entanto, aqueles que possuem alta ansiedade-traço tendem a responder a essas circunstâncias com reações ou níveis de ansiedade-estado desproporcionais em intensidade e magnitude em relação ao perigo objetivo.

A ansiedade competitiva e seus efeitos sobre o rendimento têm recebido uma grande atenção dos estudiosos (Butt, Weinberg & Horn, 2003). Segundo Weinberg & Gould (2001) nos últimos anos os pesquisadores evoluíram na discussão das relações entre ansiedade e rendimento, desenvolvendo teorias mais adequadas ao ambiente esportivo (SMITH ET AL., 2007; MULLEN ET AL. 2005; BUTT ET AL., 2003; ROMÁN & SAVÓIA, 2003; RANDLE & WEINBERG, 1997). Segundo Weinberg & Gould (2001), uma análise desses estudos permite concluir que: a) cada atleta possui seu nível ideal de ativação, mistura de atividades fisiológicas e psicológicas referente à motivação do indivíduo em um dado momento (WEINBERG & GOULD, 2001), que leva ao desempenho máximo; b) os níveis ideais de ativação fisiológica e cognitiva não são necessariamente os mesmos; c) os efeitos da ansiedade-estado sobre o rendimento esportivo não são necessariamente negativos; d) a determinação do nível de ansiedade-estado está relacionada à percepção subjetiva que indivíduo tem da situação (ameaçadora ou não).

3 – MÉTODO

O presente trabalho foi composto de 3 estudos, que envolveram: Estudo 1, a tradução e validação para o Brasil do *Cuestionario de Toma de Decisión en el Deporte* (CETD – Anexo 01); Estudo 2, a comparação dos resultados do CETD original com a aplicação contextualizada com uma situação hipotética potencialmente geradora de ansiedade (Anexo 2) e Estudo 3, verificação da correlação existente entre o perfil de tomada de decisão do jogador e sua percepção sobre o estilo de liderança do treinador.

O projeto dessa pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética da Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade de Brasília (UnB), sendo aprovado pelo Parecer 094/2007 (Anexo 3), de 9 de outubro de 2007, em consonância com a Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, órgão do Ministério da Saúde.

Todos os participantes foram informados sobre os objetivos, procedimentos metodológicos e sigilo dos resultados. Termos de consentimento livre e esclarecido foram assinados pelos sujeitos que participaram do estudo 1 e 2 (Anexo 4) e do estudo 3 (Anexo 5).

3.1 Estudo 01

3.1.1 Participantes

Participaram desse estudo 301 sujeitos com idades variando entre 16 e 36 anos ($M = 22,4 \pm 3,2$ anos). Dentre os componentes dessa amostra, 10 sujeitos participaram dos estudos 02 e 03, enquanto 16 participaram também do estudo 03.

A distribuição por gênero foi de 266 homens e 35 mulheres, distribuídos por nível de competição e modalidade conforme a TABELA 4:

TABELA 4 – Participantes do estudo distribuídos por gênero, nível de competição e modalidade esportiva

	Basquete		Futebol		Futsal		Handebol		Total	
	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F
Profissional	0	0	31	0	0	0	0	0	31	0
Universitário	13	0	202	0	44	0	7	35	235	35
Total	13	0	233	0	44	0	7	35	266	35

A amostra do estudo foi composta por atletas de 6 estados brasileiros e do Distrito Federal, de acordo com a TABELA 5:

TABELA 5 – Distribuição dos participantes por Estado

Estado	Frequência (%)
Bahia	6
Ceará	6,3
Distrito Federal	53,3
Mato Grosso	5,6
Paraná	10,6
Rio Grande do Sul	6,3
Rio Grande do Norte	6,6
São Paulo	5,3

A quantidade de participantes foi definida com base nos critérios mínimos defendidos por Pasquali (1999a) para realização de uma análise fatorial dos dados, que envolve 100 sujeitos para cada fator do teste, sendo no mínimo 200 participantes.

3.1.2 Instrumento

Utilizou-se o Questionário de Estilo de Tomada de Decisão no Esporte (CETD) desenvolvido por Ruiz & Graupera (2005), a partir de um estudo feito com 833 atletas, de mais de trinta esportes, com idades entre 11 e 44 anos, de ambos os sexos, participantes de competições local, nacional e internacional. O instrumento adota uma escala do tipo Likert de quatro pontos, sendo que o número 1 equivale a discordo totalmente, 2 discordo, 3 concordo e 4 concordo totalmente.

Os 3 fatores, cada um com 10 itens, foram chamados de Competência Decisional Percebida (competência), Ansiedade e Medo ao Decidir (ansiedade), e Compromisso com a Aprendizagem Decisional (aprendizagem).

O primeiro refere-se à percepção que o atleta tem de sua própria competência para decidir durante o jogo, seja influenciado pela opinião de pessoas significativas ou por sua comparação com adversários e companheiros de equipe.

O fator ansiedade está relacionado com a dimensão negativa da tomada de decisão e envolve as circunstâncias causadoras de estresse e ansiedade no momento de decidir no esporte.

O fator aprendizagem refere-se ao compromisso do atleta em melhorar sua capacidade de decidir, bem como seguir os conselhos táticos do treinador. A TABELA 6 apresenta os itens correspondentes a cada fator do CETD:

TABELA 6 – Itens correspondentes a cada fator do CETD

Fatores	Itens
Competência Decisional Percebida	1,4,7,10,13,16,19,22,25,28
Ansiedade e Medo ao Decidir	2,5,8,11,14,17,20,23,26,29
Compromisso com a Aprendizagem Decisional	3,6,9,12,15,18,21,24,27,30

3.1.3 Procedimentos

3.1.3.1 Coleta

Realizou-se contato inicial com os treinadores das equipes para explicar a natureza da pesquisa e solicitar autorização para coleta dos dados com sua equipe.

Os questionários foram aplicados nos locais de treinamento das equipes, antes do início do treino, com auxílio de pranchetas e caneta esferográfica. Procedeu-se à leitura das orientações contidas nos questionários e solicitou-se aos participantes que respondessem individualmente as questões e evitassem deixar algum item sem resposta. O tempo aproximado de aplicação durou entre 8 e 15 minutos.

3.1.3.2 Tradução do Instrumento

A versão brasileira do CETD foi desenvolvida com a tradução para o português do original de Ruiz & Graupera (2005), através do sistema *back translation*, no qual cinco juízes bilíngües realizaram a tradução reversa para o espanhol e outros cinco traduziram para o português. A comparação das duas versões não revelou diferenças significativas na interpretação dos itens do CETD.

O objetivo desses procedimentos foi garantir a mesma estrutura gramatical e semântica na versão traduzida em relação à original.

3.1.3.3 Análise Semântica

O objetivo desse procedimento é verificar se todos os itens dos testes são compreensíveis para os membros da população a qual o instrumento se destina. O procedimento utilizado foi embasado na sugestão apresentada por Pasquali (1999a) como sendo a mais eficaz para realizar a análise semântica, que é o uso de pequenos grupos de sujeitos (3 ou 4) numa situação aberta de discussão.

A primeira verificação foi realizada com um grupo de atletas com nível de escolaridade do ensino médio, que, em termos de habilidade de compreensão, pode ser considerado o estrato mais baixo da população que participou da pesquisa (PASQUALI, 1999a). Tal atitude se justifica, segundo Pasquali, pois se o estrato considerado com menor capacidade de compreensão conseguir entender a contento os itens, garante-se que o restante da amostra também seria capaz. Como não houve casos de dificuldade de entendimento dos itens, foi mantida a configuração original do questionário.

3.1.3.4 Análise de Construto

Também é conhecida como análise dos juízes e consiste em averiguar se os itens se referem ou não às características psicológicas que se propõem a avaliar (PASQUALI, 1999a).

Foram selecionados 10 juízes com notório conhecimento sobre futebol e solicitado a eles que indicassem, para cada item, a qual fator ele corresponde (competência decisional percebida, ansiedade e medo ao decidir, compromisso com a aprendizagem decisional). Foram considerados apenas os itens que atingiram um mínimo de 80% de concordância entre os juízes (PASQUALI, 1999a). Todos os itens do CETD obtiveram esse índice.

3.1.4 Procedimentos Estatísticos

Foram realizadas análises descritivas de caráter exploratório, com uso do pacote estatístico SPSS (*Statistical Package for Social Science*) for Windows, versão 13.0, a fim de avaliar a distribuição dos itens, a existência de casos omissos (*missing*) e identificar casos extremos (*outliers*) no banco de dados (PASQUALI, 2006).

Utilizou-se uma Análise Fatorial Exploratória (AFE) de componentes principais com o método de rotação Oblíqua. Os critérios para definição do número de fatores foram o *eigenvalue* $\geq 1,000$ e a carga fatorial superior a 0,30 (CARLOTTO & CÂMARA, 2007; PASQUALI, 1999a). A confiabilidade do teste foi verificada pelo método da consistência interna (alfa de Cronbach).

3.2 Estudo 02

Com o intuito de verificar se o resultado do CETD ilustra de fato um traço comportamental ou é sensível às variáveis contextuais, sobretudo relacionadas à esfera emocional (ansiedade, estresse, adversidades, etc), presentes no ambiente esportivo; optou-se por aplicar uma versão contextualizada do original.

Esse estudo também foi útil para conhecer melhor o uso desse tipo de instrumento em uma situação prática, na qual se precisa levantar informações sobre características dos jogadores relevantes para discutir seu rendimento esportivo. No caso específico desse estudo, avaliar se o seu perfil de tomada de decisão varia conforme o grau de ansiedade presente em uma situação específica de jogo.

3.2.1 Participantes

Participaram do estudo 10 atletas da modalidade futebol de campo, que competem no Distrito Federal, com idade entre 20 e 26 anos ($M = 22,2 \pm 1,9$ anos). Todos os participantes pertenciam à mesma equipe, que disputou o XI Campeonato Brasiliense de Futebol Profissional da Segunda Divisão, em 2007. Os componentes dessa amostra foram selecionados dentre os que compunham a amostra do estudo 01. O critério de seleção foi a disponibilidade da equipe e dos indivíduos em participarem da pesquisa.

3.2.2 Instrumentos

Foram aplicados o CETD e a versão contextualizada, que apresenta aos atletas uma situação hipotética potencialmente geradora de ansiedade, tal como descrita abaixo:

1. O jogo em questão é a decisão sobre quem vai subir para a primeira divisão do Campeonato Brasileiro Profissional. Sua equipe está perdendo por 1 a 0 e faltam 15 minutos para o término da partida;

A situação foi disposta de forma a representar um contexto com nível elevado de ansiedade, na qual o atleta teria que lidar com a desvantagem no placar e com o pouco tempo para reverter a situação.

Para Weinberg & Gould (2001) a ansiedade pode ser ocasionada por fontes pessoais e situacionais. No presente estudo foram abordados os fatores situacionais, ou seja, a importância dada ao evento e a incerteza sobre o resultado. O exemplo citado refere-se a uma situação na qual está em jogo a ascensão da equipe para a divisão principal do campeonato.

Esse jogo ganha importância, na medida em que subir para a primeira divisão é o principal objetivo da equipe. Para gerar uma percepção sobre a incerteza do resultado, manipulou-se o tempo para o término da partida e o placar da partida. De forma que o resultado não esteja definido, ou seja, ainda há tempo e possibilidades reais para mudar o placar do jogo.

Tais fatores foram utilizados por Rulence-Pâques et al. (2005), em estudo sobre tomada de decisão no futebol, comparando atletas de diferentes idades. Além dos dois fatores mencionados acima, os autores manipularam um terceiro: o número de atletas em cada equipe (inferior ao adversário, igual e superior). Os resultados encontrados indicam que a combinação desses fatores influencia a tomada de decisão dos jogadores. No presente trabalho não serão utilizadas, como fez Rulence-Pâques et al., todas as combinações possíveis entre os fatores, a opção foi por combiná-los em função da situação que se queria representar.

3.2.3 Procedimentos

O CETD foi aplicado no início do XI Campeonato Brasileiro de Futebol Profissional da Segunda Divisão de 2007. A versão contextualizada do CETD foi respondida após o campeonato, perfazendo 3 meses entre a aplicação do primeiro teste e esta.

3.2.3.1 Procedimentos Estatísticos

Foram realizadas análises descritivas, com uso do pacote estatístico SPSS (*Statistical Package for Social Science*) for Windows, versão 13.0. Foi aplicado o teste t de *Student* para verificar se há diferenças significativas entre os resultados do CETD e da versão contextualizada.

3.3 Estudo 03

3.3.1 Participantes

Participaram do estudo 26 atletas de duas equipes da Segunda Divisão do futebol profissional do Distrito Federal, com idade entre 17 e 28 anos ($M = 22,2 \pm 3,0$ anos), com tempo de treinamento entre 5 e 21 anos ($M = 11,0 \pm 3,7$ anos).

Os participantes desse estudo foram selecionados dentre os que compuseram a amostra do estudo 01, pelo critério da disponibilidade em participar.

O critério de escolha dos participantes levou em consideração também sua participação em uma competição profissional, na qual a cobrança por resultados e a valorização da melhoria do desempenho esportivo estão presentes. No caso dos atletas, o simples envolvimento em uma competição de alto-rendimento os deixa mais suscetíveis às pressões inerentes ao esporte profissional, garantindo assim, a presença relevante das variáveis psicológicas no processo de tomada de decisão durante o jogo.

3.3.2 Instrumentos

Foram utilizados o CETD e a RLSS (Anexo 6).

3.3.2.1 RLSS

A RLSS adota uma escala do tipo *Likert* de 05 pontos, na qual o número 1 equivale a nunca (comportamento nunca emitido), 2 a raramente (ocorrência de 25% das vezes), 3 a ocasionalmente (ocorrência de 50% das vezes), 4 a frequentemente (ocorrência de 75% das vezes) e 5 a sempre (ocorrência em 100% das vezes).

A validação da RLSS na língua portuguesa foi realizada por Lopes (2006), com treinadores e atletas, participantes do Campeonato Brasileiro de Seleções Juvenis de Voleibol de 2004, masculino e feminino, e da Superliga de Voleibol Feminino 2004/2005.

Os resultados obtidos por Lopes (2006) indicaram que todas as dimensões, com exceção do comportamento autocrático, nas três versões da RLLS em inglês obtiveram um índice de consistência interna aceitável ($\alpha > 0,70$). Apesar da dimensão de comportamento autocrático não atingir os índices propostos na literatura (PASQUALI, 1999a), houve uma melhora na validade e confiabilidade em relação à mesma dimensão na LSS. Lopes (2006) afirma que o instrumento é adequado para uso no contexto esportivo do Brasil.

3.3.3 Coleta de Dados

Contatou-se o Departamento Técnico da Federação Brasileira de Futebol (FBF) para explicar os objetivos da pesquisa e solicitar uma autorização (Anexo 7) para realizar a pesquisa com os clubes que disputariam o XI Campeonato de Futebol Profissional da Segunda Divisão do Distrito Federal.

Foram esclarecidos aos clubes os objetivos da pesquisa, ocasião em que foram convidados para participarem da mesma. O contato inicial foi feito com o treinador, oportunidade na qual foram demonstradas as contribuições que a pesquisa traria para a sua equipe, como por exemplo, um melhor esclarecimento das relações atleta-treinador, conhecer a percepção dos atletas sobre o estilo de liderança do treinador, etc.

Das oito equipes participantes do Campeonato, duas se dispuseram a participar da pesquisa.

A aplicação dos questionários foi realizada pelo autor do presente projeto nos locais de treinamentos das equipes, com o uso de pranchetas e canetas.

Os atletas responderam à versão de percepção da RLSS por volta da quarta rodada do campeonato, com o intuito de garantir um tempo razoável de relacionamento entre jogadores e treinador. Tendo em vista que o teste avalia a percepção dos atletas sobre o estilo de liderança do treinador, até a quarta rodada já se passou um mês de convivência diária entre atletas e treinador.

Pela natureza do CETD, que não exige pré-requisitos para sua utilização, o mesmo foi aplicado após a primeira rodada da competição.

3.3.4 Procedimentos Estatísticos

Foram realizadas análises descritivas, com uso do pacote estatístico SPSS (*Statistical Package for Social Science*) for Windows, versão 13.0.

Utilizou-se a correlação de Pearson para verificar as possíveis relações entre os construtos.

4 – RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados serão apresentados e discutidos considerando cada estudo separadamente.

4.1 Estudo 01

Antes de proceder às análises estatísticas descritivas e de teste de hipóteses é importante realizar uma análise crítica dos dados, ou como prefere Pasquali (2006), limpeza dos dados.

O primeiro passo refere-se aos dados omissos. Foi constatado menos de 1% de casos omissos nos itens do CETD. Há um consenso na literatura especializada que se o número de casos omissos não for superior a 5%, ele é considerado um número pequeno, que não ocasionarão interferências significativas nos resultados (Pasquali, 2006).

Outra questão que merece atenção especial diz respeito aos *outliers*. Definidos por Pasquali (2006) como casos muito diferentes dos demais, com valores extremos situados muito distantes dos outros valores. No caso dos *outliers* leves o autor afirma que eles podem ser desconsiderados, ao contrário dos severos que podem prejudicar as análises estatísticas.

No fator competência do CETD foi constatada a presença de dois *outliers* leves (sujeitos 2 e 108), representados pelo círculo vazio na FIGURA 3 (próxima página).

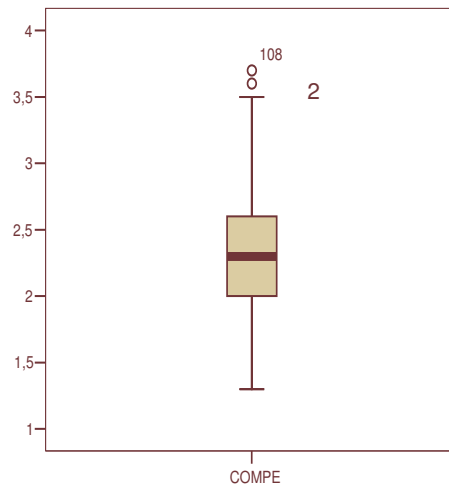


FIGURA 3 – Boxplot do fator competência do CETD

No fator ansiedade não foi verificada a presença de *outliers*, conforme a FIGURA 4.

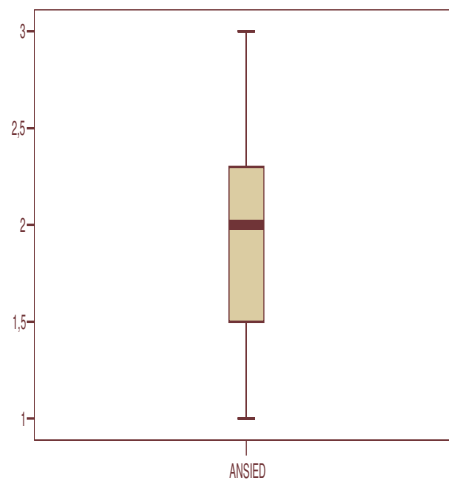


FIGURA 4 – Boxplot do fator ansiedade do CETD

No fator aprendizagem foi encontrado um *outlier* leve (sujeito 8), representado pelo círculo vazio na FIGURA 5 (página seguinte).

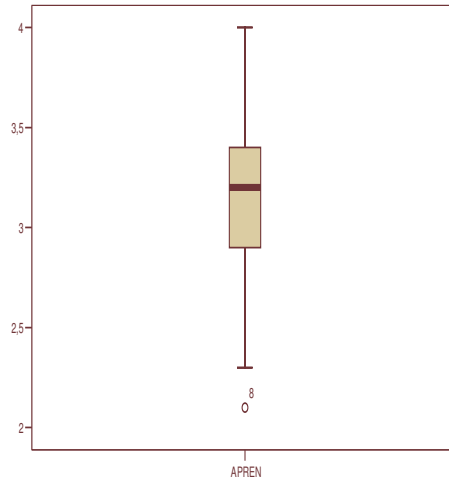


FIGURA 5 – Boxplot do fator aprendizagem do CETD

As análises exploratórias efetuadas indicam que o banco de dados é adequado para realizada da AFE.

Validação é um processo de levantamento de evidências capazes de corroborar as inferências a serem feitas com base nos resultados dos testes (LOPES, 2006). As principais análises envolvidas na validação de um teste consistem na: a) verificação da dimensionalidade, na qual se considera a adequação dos itens em relação aos respectivos fatores e a capacidade do instrumento em explicar o traço latente, e b) fidedignidade do instrumento, quanto ao escore obtido se aproxima do escore verdadeiro do sujeito em relação a determinado traço (PASQUALI, 1999a).

A análise da dimensionalidade do instrumento confirmou a existência de três fatores. A partir da distribuição dos itens e de seus autovalores (*eingevalue* $\geq 1,000$) foi possível identificar uma distribuição fatorial coerente com a estrutura do teste original (RUIZ & GRAUPERA, 2005).

Conforme mostra a Tabela 7 (próxima página), todos os itens apresentaram carga fatorial superior a 0,30, o que demonstra uma adequação mínima dos itens em relação aos fatores avaliados pelo teste (PASQUALI, 1999a).

TABELA 7 – Matriz fatorial

ITENS	FATORES		
	COMPETÊNCIA	ANSIEDADE	APRENDIZAGEM
23. QUANDO É PRECISO TOMAR UMA DECISÃO IMPORTANTE NA PARTIDA, ÀS VEZES VACILO COM MEDO DE COMETER ERROS		-,686	
26. FICO NERVOSO QUANDO TENHO QUE TOMAR A INICIATIVA DURANTE A PARTIDA		-,636	
11. FICO NERVOSO QUANDO TENHO QUE DECIDIR SOBRE PRESSÃO		-,627	
5 A LEMBRANÇA DOS ERROS COMETIDOS EM OUTROS JOGOS ME FAZ HESITAR NO MOMENTO DE TOMAR DECISÕES		-,565	
14. ÀS VEZES, ANTES DE COMEÇAR A PARTIDA, FICO PREOCUPADO EM PERDER		-,552	
8. ANTES DE ENTRAR EM QUADRA, ÀS VEZES FICO PREOCUPADO COM A POSSIBILIDADE DE PERDER A PARTIDA		-,546	
20. QUANDO ENFRETO UMA EQUIPE SUPERIOR FICO NERVOSO E NÃO DECIDO COMO GOSTARIA		-,543	
29. EM SITUAÇÕES DE GRANDE RESPONSABILIDADE, PREFIRO QUE OUTRO COMPANHEIRO DECIDA		-,520	
2. ANTES DE IR PARA A JOGO, FICO NERVOSO AO RECORDAR OS ERROS DE JOGOS ANTERIORES		-,515	
17. QUANDO ERRO AO DECIDIR SINTO QUE GOSTARIA DE SIMPLEMENTE DESAPARECER DA QUADRA		-,464	
7. PENSO QUE POSSUO MELHORES QUALIDADES DO QUE MEUS COMPANHEIROS PARA DECIDIR E TOMAR A INICIATIVA	,724		
19. RECEBO CUMPRIMENTOS COM FREQUÊNCIA POR SER MELHOR PARA DECIDIR NO JOGO DO QUE OS MEUS COMPANHEIROS	,701		
4. CREIO QUE SOU MELHOR QUE A MAIORIA DOS MEUS COMPANHEIROS PARA TOMAR DECISÕES DURANTE O JOGO	,641		
1. SEI QUE SOU CAPAZ DE DECIDIR NO JOGO, MELHOR QUE O RESTANTE DOS MEUS COMPANHEIROS DE EQUIPE	,598		
10. GOSTO DE DECIDIR MAIS QUE OS MEUS COLEGAS DE EQUIPE	,594		
28. SEMPRE FUI BOM EM TOMAR DECISÕES ARRISCADAS NO JOGO, SEM PRECISAR ME ESFORÇAR MUITO PARA ISSO	,539		
16. MEUS TREINADORES SEMPRE ME CONSIDERAM UM JOGADOR DE GRANDE INTELIGÊNCIA DURANTE O JOGO	,526		
13. QUANDO VOU PARA O JOGO TENHO A SENSACÃO DE SER SUPERIOR, DE SER MELHOR QUE MEUS COMPANHEIROS E QUE MEUS Oponentes	,483		
22. GOSTO DE TOMAR DECISÕES ARRISCADAS	,477		
25. GOSTO DE TOMAR VÁRIAS DECISÕES SEGUIDAS	,447		
18. TENHO PACIÊNCIA SUFICIENTE PARA TREINAR E MELHORAR MINHA CAPACIDADE DE DECIDIR NO JOGO			,650
21. ESTOU DISPOSTO A TREINAR MUITO SE VEJO QUE MINHA CAPACIDADE DE DECIDIR NO JOGO ESTÁ MELHORANDO			,589
3. LEVO MUITO A SÉRIO OS CONSELHOS TÁTICOS DO MEU TREINADOR			,579
24. NOS TREINOS ME PREOCUPO EM APRENDER A DECIDIR EM SITUAÇÕES DE JOGO			,560
6. SIGO SEMPRE OS CONSELHOS DO MEU TREINADOR			,547
15. CONCENTRO-ME MUITO NO QUE FAÇO			,497
27. PREPARO-ME EM RELAÇÃO ÀS DECISÕES QUE MEU			,404

ADVERSÁRIO PODE TOMAR			
30. SE VEJO CLARAMENTE A SOLUÇÃO DE UMA JOGADA, EXECUTO-A			,364
12. SIGO À RISCA AS TÁTICAS QUE MEU TREINADOR PROPÕE ANTES DO JOGO			,321
9. É NECESSÁRIO DECIDIR SEGUNDO O PLANO TÁTICO DO TREINADOR			,317
NÚMERO DE ITENS	10	10	10
CORRELAÇÕES F1	1,000	,095	,192
CORRELAÇÕES F2	,095	1,000	-,007
CORRELAÇÕES F3	,192	-,007	1,000
Eigenvalue	4,302	3,559	2,185

A análise fatorial utilizou o método de extração de Análise de Componentes Principais, com rotação Oblíqua e Normalização Kaiser.

Segundo Pasquali (1999a), para se classificar um fator como possuidor de boa representação comportamental é necessário que a saturação dos seus itens seja maior que 0,50. Nesse sentido, o fator aprendizagem foi o que apresentou maior representatividade dos itens (nove itens com saturação maior que 0,50), seguido pelo fator competência (sete itens com saturação maior que 0,50). O fator aprendizagem foi o que se mostrou menos representado comportamentalmente por seus itens (cinco itens com saturação acima de 0,50).

De acordo com os dados da Tabela 7 (página anterior) as correlações (F1, F2 e F3) entre os fatores, abaixo de ± 0.90 , conforme indica Bem (2004 *apud* LOPES, 2006), revelam que as correlações entre os fatores são adequadas, tendo em vista que cada fator está medindo apenas seu construto específico.

Os três fatores explicam, de acordo com dados da TABELA 8, 33,48% da variância total do teste, ou seja, essa é a porcentagem que o teste explica sobre a tomada de decisão no esporte. Segundo Tenenbaum & Driscoll (2005 *apud* LÔBO ET AL., 2005) esse valor está aquém dos percentuais considerados satisfatórios (entre 40% e 60%). A variância encontrada no estudo original foi de 45,46% (RUIZ & GRAUPERA, 2005).

TABELA 8 – Índice alfa de Cronbach e a porcentagem da variância para os fatores do CETD no estudo original e no presente estudo

	CETD ORIGINAL*			CETD BRASIL**		
	COMPE	ANSIED	APREND	COMPE	ANSIED	APREND
Alfa de Cronbach	0,82	0,83	0,75	0,79	0,78	0,68
% de Variância	21,77	12,00	11,69	14,33	11,86	7,28

* Dados publicados no estudo de RUIZ & GRAUPERA, 2005

** Dados do presente estudo

O conceito de confiabilidade refere-se a quanto os escores de um indivíduo se mantêm semelhantes em ocasiões distintas e o nível que os mesmos estão isentos de erros aleatórios (PASQUALI, 1999a). O método mais utilizado para medir a confiabilidade é o alfa de Cronbach, sobretudo quando o conceito é entendido como uma consistência interna dos indicadores da escala (BEM, 2004 *apud* LOPES, 2006).

Alguns autores estabelecem um índice alfa de Cronbach igual ou acima de 0,70 como sendo preciso e confiável quanto à variável que se deseja medir (CARLOTTO & CÂMARA, 2007). No presente estudo foi considerado $\alpha \geq 0,60$ como aceitável, conforme defende Hair et al (2005 *apud* LOPES, 2006).

Os índices encontrados no presente estudo se mostraram menores que os do estudo original, conforme demonstrado na TABELA 8. No entanto, observa-se que os resultados das dimensões competência e ansiedade se aproximam em valores, enquanto o fator aprendizagem apresentou o menor índice de consistência nas duas versões.

No presente estudo a dimensão aprendizagem foi a que se mostrou mais frágil, dentre as que o teste se propõe a medir. No teste de carga fatorial, metade dos itens desse fator apresentou um índice de saturação mínima (Tabela 7 – na página 49). Isso quer dizer que somente 5 itens da referida dimensão conseguem representar comportamentalmente o traço latente que se pretende medir.

Os itens (9 e 12) que apresentaram as menores cargas fatoriais estão relacionados à obediência do atleta às recomendações do treinador. O esportista brasileiro, sobretudo nas modalidades coletivas, é caracterizado por possuir alguns atributos, tais como: criatividade, espontaneidade, capacidade de improvisação, entre outros. Essas características confundem-se com definições dos atletas brasileiros, principalmente os praticantes de futebol (ASSAF, 2002).

Segundo Helal (2003) os atributos valorizados e entendidos como facilitadores na obtenção do sucesso profissional pelos atletas de futebol do Brasil são: genialidade, irreverência, malandragem. Por mais que esses fatores se configurem como “tipicamente brasileiros”, conforme aponta o autor, o que se configura é a construção de uma identidade específica do jogador de futebol brasileiro, capaz de diferenciá-lo dos demais, principalmente das escolas anglo-saxãs, e colocá-lo em vantagem. O autor aponta para a contraposição do futebol brasileiro, chamado futebol-arte com o futebol-força,

representado pela escola européia. Enquanto o primeiro está associado à alegria, à diversão, o outro valoriza o caráter científico e a obediência às regras.

As fragilidades psicométricas observadas nos resultados do CETD aplicado no Brasil podem estar relacionadas com essa valorização do papel do jogador como o maior responsável por decidir as partidas, ao acreditar ser capaz de achar uma solução mais adequada sem, necessariamente, seguir o plano estratégico definido pelo treinador.

O objetivo do questionário é avaliar a capacidade de tomada de decisão do atleta durante o jogo (RUIZ & GRAUPERA, 2005), no entanto os itens 9 e 12 abordam claramente o aspecto estratégico do comportamento dos atletas. Ou seja, avalia se o comportamento segue literalmente as determinações do treinador. Sugere-se que em estudos posteriores, de preferência que envolvam o futebol, esses itens específicos sejam abordados com maior ênfase, se preciso com a realização de uma nova análise semântica.

Os resultados obtidos indicam que o CETD é um instrumento válido e fidedigno, portanto adequado para aplicação em pesquisas no contexto esportivo brasileiro. Segundo Pasquali (1999a) um instrumento que atende a esses critérios não necessita ser submetido à normatização, por se tratar de um teste com fins de pesquisa. O autor completa que tal procedimento não acrescentaria “nada de novo e útil para a qualidade psicométrica do instrumento” (p. 70).

4.2 Estudo 02

A comparação entre os resultados do CETD e da versão contextualizada (TABELA 9 – próxima página) não demonstraram diferenças significativas ($p \leq 0,05$) entre uma aplicação e outra. Entretanto pode-se observar uma pequena redução no escore do fator competência, que indica uma menor percepção dos jogadores sobre sua capacidade de tomar decisões no jogo.

Em relação à ansiedade ao decidir, fator que mais se aproximou do nível de significância aceitável estatisticamente, houve uma diminuição de seu escore, que aponta um aumento na capacidade dos jogadores em decidirem com mais confiança e tranquilidade. Os dados da dimensão aprendizagem denotam uma redução no compromisso dos atletas em seguirem as instruções dos treinadores.

TABELA 9 – Análises descritiva e de variância(α) do CETD e versão contextualizada

	Competência		Ansiedade		Aprendizagem	
	CETD	CETD2	CETD	CETD2	CETD	CETD2
Média	2,53	2,47	1,79	1,57	3,47	3,43
DP	0,64	0,36	0,49	0,49	0,15	0,11
p	0,677		0,055		0,509	

No caso específico desse estudo, com amostra reduzida (10 sujeitos), as discussões sobre os resultados das duas aplicações do instrumento não devem se encerrar na visão estatística dos dados, é importante examinar os resultados qualitativamente para entendê-los melhor.

Para tanto, faz-se necessário alguns comentários sobre a escala utilizada no CETD. Segundo Pasquali (1999b) a escala psicométrica objetiva “escalonar estímulos que expressam um construto psicológico” (p. 105), que será avaliado “através das respostas subjetivas dos sujeitos que expressam comportamentalmente os julgamentos por eles feitos” (p. 110) referente aos estímulos (itens) que lhes foram propostos. A escala utilizada no CETD é a do tipo *Likert*, caracterizada pela verificação do nível de concordância ou discordância do indivíduo com afirmações que expressem algo de favorável ou desfavorável em relação a um objeto psicológico.

As análises paramétricas realizadas com escalas intervalares, como é o caso da *Likert*, com amostras muito pequenas, nem sempre permitem um entendimento consistente dos resultados (PASQUALI, 1999a). Com base nisso, optou-se por examinar os dados de forma mais individualizada. Outro fator que permitiu esse tipo de análise é a condição do pesquisador, que convive com os atletas que participaram do estudo há 3 anos, como auxiliar técnico da equipe em que atuam.

Os sujeitos 6 e 7 apresentaram um escore maior no fator competência da versão contextualizada (FIGURA 6 – página seguinte), indicando que a situação hipotética ou não gerou ansiedade ou que o nível de ansiedade não interfere na percepção dos indivíduos sobre sua competência em tomar decisões no esporte. Os atletas 6 e 7 estão entre os mais experientes da equipe e possuem papéis

destacados de liderança no grupo. Não demonstram problemas aparentes de baixa auto-estima e mostram-se bastante confiantes em seus desempenhos.

Essas características pessoais podem ter contribuído para que a situação apresentada na versão contextualizada não fosse percebida como eliciadora de ansiedade (WEINBER & GOULD, 2001). O sujeito 9 apresentou um pequeno aumento no escore dessa versão do instrumento, que pode estar associado a sua postura típica, observada nos jogos, de manter-se calmo e sereno independente da situação do jogo.

Nos demais atletas houve uma redução da competência percebida na versão contextualizada, o que denota uma influência negativa do nível de ansiedade percebida.

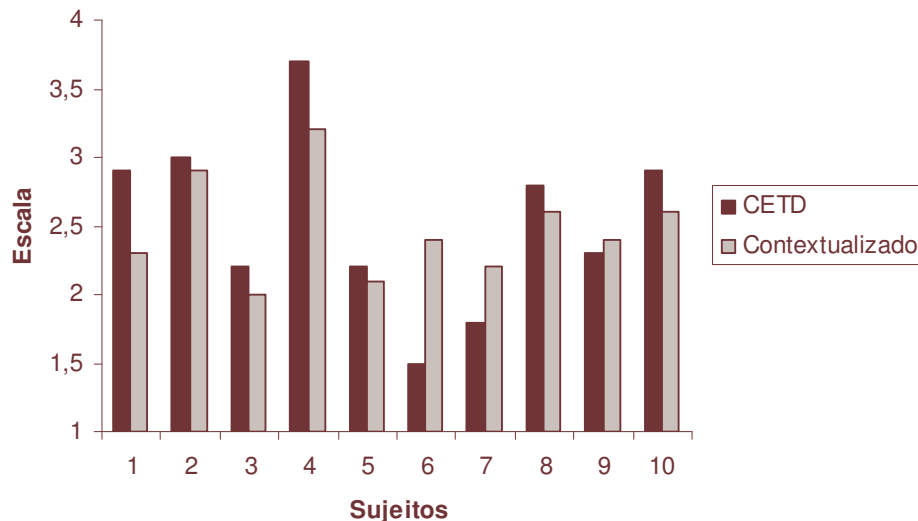


FIGURA 6 – Resultados do CETD e versão contextualizada no fator competência.

Em relação ao fator ansiedade (FIGURA 7 – próxima página) observa-se que oito atletas obtiveram escore menor na versão contextualizada do que no CETD, revelando que o contexto hipotético não aumentou a ansiedade cognitiva dos atletas no momento de tomar decisões na competição ou que eles usaram adequadamente estratégias de enfrentamento da ansiedade.

É importante frisar que o fator ansiedade avaliado nos instrumentos refere-se à dificuldade de tomar decisões no esporte por fatores relacionados ao medo das

conseqüências de uma decisão errada ou à dificuldade de lidar com as incertezas do ato de decidir. O fato dos escores terem diminuídos após a inserção de uma situação, que se espera ser causadora de ansiedade, pode indicar ou que a situação não assumiu seu propósito ou que um contexto de ansiedade elevada não interfira diretamente sobre como os jogadores vivenciam a tomada de decisão.

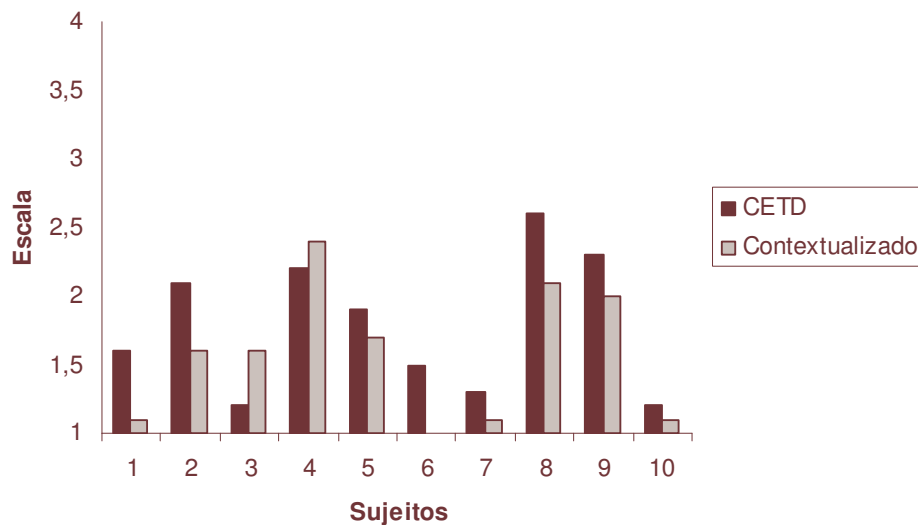


FIGURA 7 – Resultados do CETD e versão contextualizada no fator ansiedade

Dentre os oitos atletas, os dados dos sujeitos 6, 7 e 9 estão em consonância com a hipótese levantada na análise do fator competência, quando ficou entendido que os atletas não perceberam a situação como geradora de ansiedade.

Para os dois atletas restantes (3 e 4) houve um aumento no nervosismo e medo de decidir durante o jogo, indicando uma influência negativa da situação exposta.

O atleta 3 é um atacante que está há duas temporadas na equipe e não consegue ser titular, ficando de fora, até mesmo do banco de reserva, em muitas ocasiões. Apresenta uma grande dificuldade na finalização das jogadas, principalmente nos jogos oficiais. Seu rendimento nos jogos é bastante inferior ao apresentado nos treinamentos. Segundo Samulski & Becker Júnior (2002) essa oscilação de desempenho pode estar relacionada com baixa autoconfiança, que por sua vez contribui para o aumento de situações percebidas como ameaçadoras e

geradoras de ansiedade (WEINBERG & GOULD, 2001). Mesmo aumentando o escore no fator ansiedade, esse valor ainda é considerado baixo.

O atleta 4 apresentou o maior escore nesse fator da versão contextualizada entre os participantes. Esse jogador demonstra um comportamento de pouca interação com os companheiros, que se reflete inclusive nos jogos, quando se mostra pouco comunicativo. Essa postura introvertida pode está relacionada com baixa autoestima e pouca autoconfiança.

O fator aprendizagem foi o único que apresentou sujeitos com resultados iguais no CETD e na versão contextualizada (Sujeitos 2, 3, 9 e 10), conforme a FIGURA 8 (abaixo), revelando a falta de influência do contexto descrito sobre as respostas dos atletas. Os sujeitos 1, 5, 7 e 8 apresentaram escores mais baixos na contextualizada, indicando um efeito negativo da situação hipotética sobre a disponibilidade dos atletas em aprender e melhorar a capacidade de tomar decisão no esporte.

Os resultados desses atletas nos fatores anteriores confirmam a consequência negativa do contexto hipotético, exceto o sujeito 7 que teve aumento do escore no fator ansiedade. Os escores dos sujeitos 4 e 6 na versão contextualizada foram maiores que no CETD, apontando que a ansiedade pode exercer um efeito positivo sobre a aprendizagem decisional ou que não houve a percepção da ansiedade por esses atletas. O sujeito 4 mostrou essa mesma tendência no fator ansiedade, enquanto no sujeito 6 o escore foi maior no fator competência.

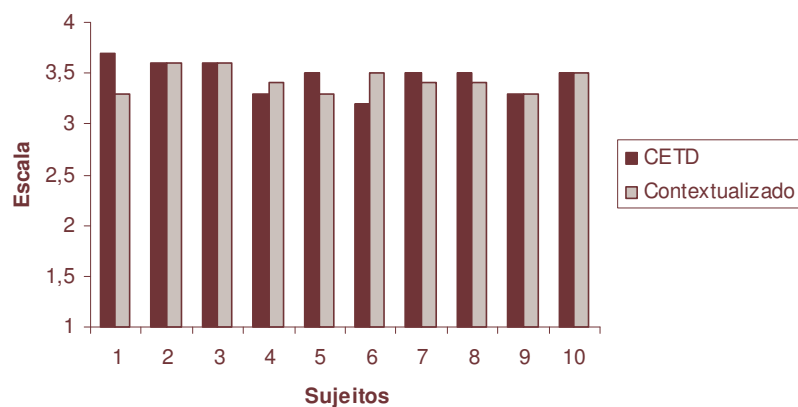


FIGURA 8 – Resultados do CETD e versão contextualizada no fator aprendizagem

Até então os dados foram analisados considerando a comparação dentro de cada fator do teste. É importante ter uma visão mais ampla dos resultados, para isso é necessário analisar os dados considerando o desempenho dos sujeitos nos 3 fatores. Essa verificação indicou a existência de 3 tendências dos escores.

O primeiro subgrupo é composto pelos atletas que mostraram uma tendência de escores menores na versão contextualizada, do qual fazem parte os sujeitos 1, 5 e 8 (FIGURA 9). Para esses jogadores fica configurado que a situação exposta nessa versão do teste interferiu negativamente na sua capacidade geral de tomar decisões nos jogos.

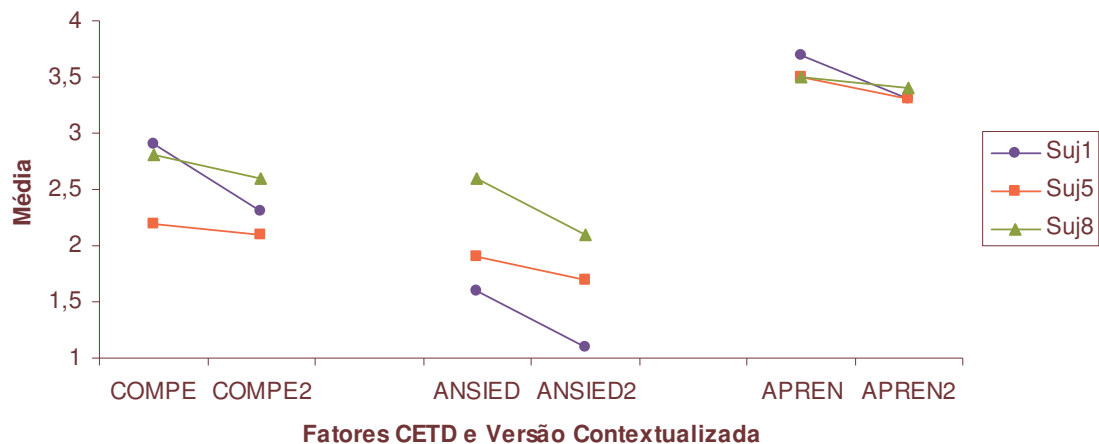


FIGURA 9 – Comparação dos resultados dos fatores do CETD (COMPE, ANSIED e APREN) e da versão contextualizada (COMPE2, ANSIED2 e APREN2)

Os sujeitos 2, 3 e 9 foram os únicos que repetiram o mesmo resultado em ambos os testes, mais especificamente no fator aprendizagem (FIGURA 10 – página seguinte). Não se observou uma tendência única desses sujeitos nos demais fatores. O atleta 2 exibiu resultados menores na versão contextualizada nas dimensões competência e ansiedade, enquanto os outros dois não seguiram um padrão igual nos fatores.

Nos três casos há indícios de que a condição exposta na versão contextualizada não ocasionou o mesmo efeito sobre os fatores.

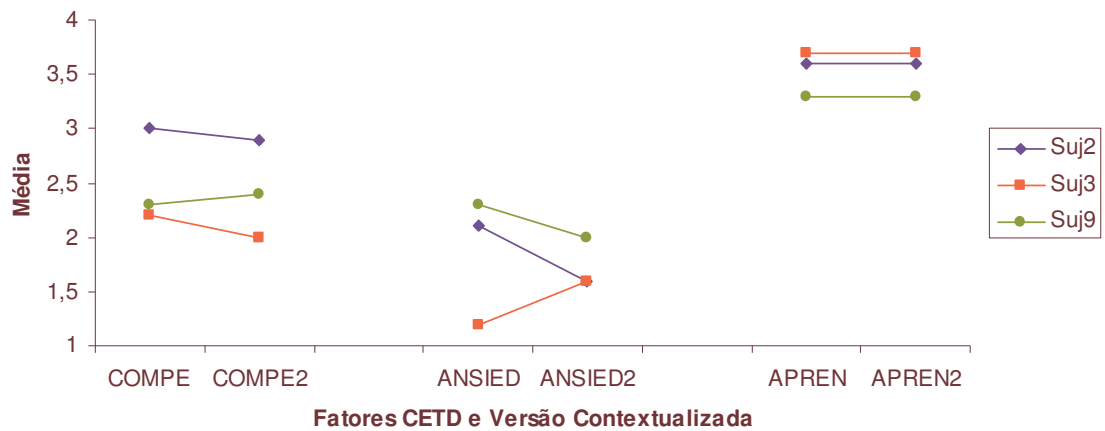


FIGURA 10 – Comparação dos resultados dos fatores do CETD (COMPE, ANSIED e APREN) e da versão contextualizada (COMPE2, ANSIED2 e APREN2)

Os demais sujeitos foram agrupados por não expressarem uma tendência dos dados nos fatores do teste (FIGURA 11 – abaixo). Os resultados indicam que a situação expressa na versão contextualizada gera conseqüências distintas para cada sujeito e para cada fator.

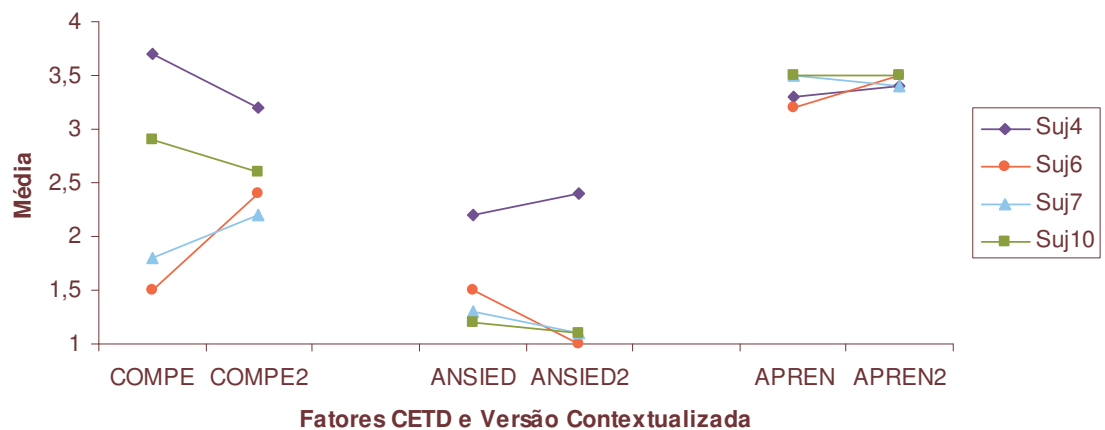


FIGURA 11 – Comparação dos resultados dos fatores do CETD (COMPE, ANSIED e APREN) e da versão contextualizada (COMPE2, ANSIED2 e APREN2)

O contexto apresentado na versão contextualizada revela uma situação de desvantagem no placar, o que sugere maior responsabilidade dos atletas do setor

ofensivo na busca da igualdade do placar, tendo em vista que são eles os maiores responsáveis por criarem e converterem as situações em gols. Nesse sentido e acreditando que a ansiedade prejudica a capacidade do atleta de tomar decisões durante os jogos, espera-se que os resultados fossem diferentes em função da posição do atleta, no caso, divididos entre aqueles que têm papel predominantemente defensivo ou ofensivo.

Um exame dos resultados (TABELA 10 – abaixo) em função da posição demonstra que a situação hipotética inserida na versão contextualizada teve um efeito maior sobre os jogadores do ataque nos três fatores. O efeito foi medido pela diferença entre os resultados do CETD e da versão contextualizada, ou seja, quando o escore do CETD é maior que esta, classifica-se como negativo. Pois o contexto da versão contextualizada prejudicou o resultado se comparado com o CETD. O inverso é considerado positivo. Quanto mais resultados negativos, pior é o desempenho, comparando-se os dois instrumentos. Com exceção do fator ansiedade, que utiliza o raciocínio inverso.

TABELA 10 – Comparação dos resultados da versão contextualizada e do CETD em função da posição dos jogadores

	Defesa					Ataque				
	1	2	6	9	10	3	4	5	7	8
Competência	-	-	+	+	-	-	-	-	+	-
Ansiedade	-	-	-	-	-	+	+	-	-	-
Aprendizagem	-	=	+	=	=	=	+	-	-	-

+ escore **maior** na versão contextualizada; - escore **menor** na versão contextualizada; = escore **igual**

Na dimensão competência, os atacantes apresentaram 4 escores negativos (menor na contextualizada) contra 3 dos defensores. No fator ansiedade, todos os jogadores da defesa apresentaram uma diminuição nos seus escores da versão contextualizada, enquanto nos atacantes o escore decresceu em 3 jogadores. Em relação ao fator aprendizagem, três atacantes obtiveram escores menores nessa versão do teste, contra um dos defensores.

A comparação entre os três fatores indica que o contexto descrito na versão contextualizada teve uma menor influência nos defensores do que nos atacantes, sobretudo na dimensão ansiedade. A explicação pode estar nas características da

situação exposta, na qual a demanda maior recai sobre os atacantes, ocasionando um maior poder de eliciar a ansiedade para os que jogam nessa posição.

Os dados disponíveis não permitem uma análise ideal da sensibilidade do CETD em medir as mudanças do traço latente em função de mudanças contextuais. A variável escolhida para ser manipulada foi o nível de ansiedade. No entanto, não houve como garantir sua propriedade eliciadora na segunda aplicação do teste (versão contextualizada).

Pressupõe-se que um jogo envolvendo a disputa por uma vaga na Primeira Divisão, com placar adverso e com pouco tempo para o final da partida seria, por si só, eliciador de ansiedade em todos os atletas. Essa suposição pode ser vista de duas formas distintas: a) Como cada jogador percebe a situação? Será que todos vão encará-la como algo ameaçador, incerto, fora do controle? b) Qual efeito (positivo, nenhum ou negativo) essa percepção ocasionará no rendimento do atleta?

A capacidade ou não de uma situação ser percebida como fonte de ansiedade por um indivíduo envolve suas características pessoais, relacionadas à auto-estima, autoconfiança, ansiedade-traço e sua capacidade de enfrentamento (estratégias de *coping*).

Não se pode atribuir a uma determinada situação um papel inerentemente eliciador de ansiedade (BUTT ET AL., 2003; ROMÁN & SAVOIA, 2003; WEINBERG & GOULD, 2001, HUMARA, 1999). No que diz respeito à relação entre ansiedade e desempenho as teorias indicam que os efeitos sobre o rendimento podem ser tanto positivos e facilitadores como negativos e debilitantes (BUTT ET AL., 2003; WEINBERG & GOULD, 2001).

O modelo de zonas individualizadas de desempenho ideal (IZOF, sigla em inglês), desenvolvido por Hanin (1980, 1986, 1997 *apud* WEINBERG & GOULD, 2001), ilustra as questões envolvidas com percepção da ansiedade e sua relação com o desempenho. Hanin afirma que atletas de elite têm uma zona própria de ansiedade-estado na qual ocorre seus melhores desempenhos. Cada atleta possui uma faixa de ansiedade ideal, enquanto uns rendem melhor sob baixos níveis de ansiedade, outros necessitam de níveis altos para atingirem suas melhores performances.

A comparação entre os resultados do CETD e da versão contextualizada não permite atestar a capacidade do instrumento em captar as mudanças contextuais. Os resultados da versão contextualizada que indicam a influência da ansiedade sobre as respostas dos atletas podem ser vistos como indicativo da sensibilidade do teste. Enquanto os dados que não demonstram influência negativa do nervosismo no resultado podem ser fruto da dificuldade dos sujeitos em perceberem/imaginar a situação hipotética como eliciadora de ansiedade; ou como de fato uma deficiência do instrumento em captar essa interferência.

Em suma, para se afirmar categoricamente algo sobre a sensibilidade do teste em medir as mudanças contextuais, seria necessário conhecer qual situação representaria de fato aumento da ansiedade para cada atleta. Além de considerar suas estratégias de enfrentamento à ansiedade, que também podem interferir nos resultados do teste, isto é, aqueles jogadores que vivenciam a ansiedade, mas conseguem usar algumas técnicas psicológicas (relaxamento, reavaliação cognitiva) para minimizar seus efeitos, tendem a responder os itens do instrumento diferente dos que não possuem essas habilidades.

4.3 Estudo 03

O objetivo do estudo 03 foi identificar se há alguma correlação entre o perfil decisional do desportista, medido pelo CETD, e o estilo de liderança do treinador percebido pelos mesmos atletas, através do teste RLSS. Antes de discutir essa relação, serão examinados separadamente os resultados de ambos os instrumentos.

4.3.1 CETD

Os atletas participantes desse estudo (TABELA 11 – próxima página) são praticantes da modalidade futebol de campo e foram divididos por equipe, faixa etária, tempo de treinamento na modalidade e posição em que atuam, subdivididos em defesa (zagueiro e goleiro), ataque (atacante) e mista (meia e lateral).

TABELA 11 – Análise descritiva dos resultados do CETD.

	Posição	Equipe X Faixa idade				Equipe Y Faixa idade			
		≤19 anos		≥20 anos		≤19 anos		≥20 anos	
		Faixa treino (anos)				Faixa treino (anos)			
		≤9	≥10	≤9	≥10	≤9	≥10	≤9	≥10
Competência	Defesa	2,60	1,50	2,30	2,10	.	.	2,50	2,40
	Mista	2,30	2,05	2,40	.	.	2,85	1,80	2,68
	Ataque	2,20	2,20	.	2,65
Ansiedade	Defesa	2,10	2,30	2,20	2,40	.	.	1,40	1,35
	Mista	1,70	2,30	1,60	.	.	2,10	1,30	2,10
	Ataque	2,40	1,20	.	1,40
Aprendizagem	Defesa	3,40	2,30	3,80	3,50	.	.	3,70	3,48
	Mista	3,10	3,05	3,00	.	.	3,60	3,50	3,36
	Ataque	2,90	3,60	.	3,30
N		4	3	2	1	0	3	2	11
N TOTAL				10				16	

Comparando os escores do CETD da TABELA 12, observaram-se diferenças significativas somente entre as equipes, nos fatores ansiedade e aprendizagem.

Os atletas da equipe X apresentaram melhores resultados que os da Y nos três fatores, mesmo não havendo significância aceitável no fator competência.

TABELA 12 – Análise descritiva do CETD em função da equipe, idade, tempo de treino e posição dos jogadores.

	Equipes		Idade		Treino		Posição		
	X	Y	≤19 anos	≥20 anos	≤9 anos	≥10 anos	Defesa	Mista	Ataque
COMPE	2,18	2,53	2,29	2,46	2,30	2,44	2,29	2,46	2,43
ANSIED	2,10(*)	1,68(*)	2,02	1,73	1,80	1,86	1,79	1,97	1,60
APREN	3,12(*)	3,46(*)	3,17	3,43	3,31	3,33	3,29	3,29	3,28

* Diferença significativa ao nível $p \leq 0,05$

Os jogadores do time Y manifestaram uma grande preferência por tomar decisões no decorrer da partida, por acreditarem ser capazes de decidir acertadamente. Demonstraram ainda, compromisso em seguir as orientações do treinador, além de reconhecerem a importância em melhorar suas capacidades de tomar decisões no esporte. Por fim, não apresentaram sinais de ansiedade ou medo em tomar decisões na partida e dificuldade de assumir a responsabilidade pelas conseqüências de seus atos.

As diferenças no fator ansiedade entre as equipes parecem estar relacionadas com os resultados dos atletas do setor defensivo (TABELA 12 – acima). Os altos

escores (acima de 2) dos defensores do time X elevaram a média da equipe para 2,10, enquanto no time Y ocorreu o inverso, a baixa pontuação (menor que 2) dos defensores puxaram a média para 1,68 (TABELA 12 – acima).

É importante considerar na comparação entre as equipes as diferenças que de características que há entre elas. A equipe X é formada predominantemente por atletas mais jovens e com menos tempo de prática no futebol, ou seja, a equipe Y apresenta maior experiência e vivência no futebol. Além, ainda, da diferença no número de participantes em cada time. Além disso, há a diferença no número de participantes, 10 atletas na equipe X e 16 na Y, o que pode interferir nos resultados obtidos.

O tempo de prática intencional e estruturado de uma modalidade é um critério estabelecido na literatura para diferenciar *experts* (especialistas) de *novices* (novatos). Segundo Ruiz e Arruza (2005), o tempo de treinamento necessário para se atingir um nível de excelência no esporte é de 10 anos.

Estudos indicam que atletas que atingem esse nível conseguem resolver com mais eficiência os problemas que surgem durante as competições, consideram um maior número de possibilidades de solução frente às diferentes situações de jogo e possuem maior capacidade de selecionar os estímulos relevantes para decidir acertadamente (MANN ET AL., 2007; JIMENEZ & RUIZ, 2006; GASPAR ET AL., 2005; RUIZ & ARRUZA, 2005).

Os dados do presente estudo não confirmam essa diferença entre *experts* e *novices*. Talvez, por não haver de fato atletas considerados novatos, tendo em vista que todos praticam o futebol profissionalmente. Nesse caso, o critério mencionado por Ruiz & Arruza (2005), considerando o tempo de treinamento na modalidade, parece não se aplicar quando os atletas competem no esporte de alto rendimento.

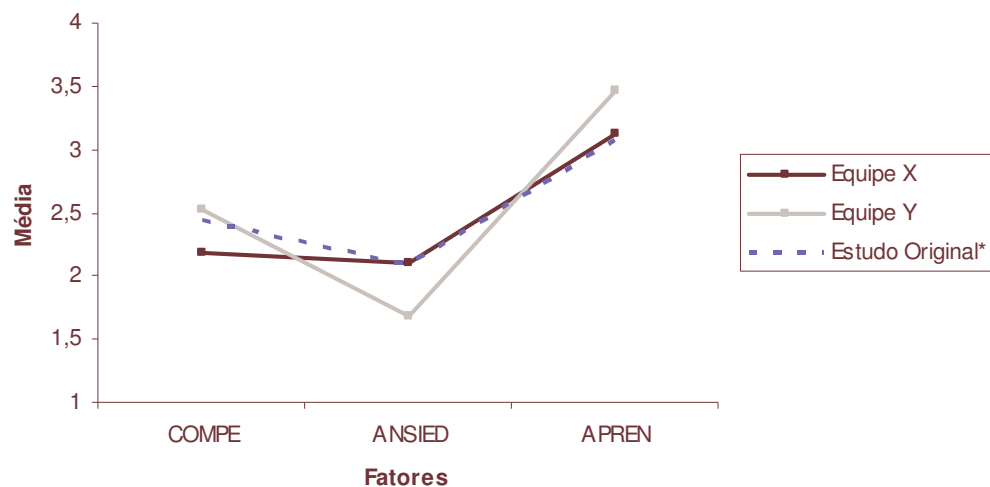
Apesar de não haver diferenças significativas no fator aprendizagem entre as variáveis independentes consideradas nesse estudo, houve um aumento do escore em função da faixa etária e do tempo de treinamento dos jogadores (TABELA 12 – página anterior).

O estudo que originou o CETD não encontrou relação entre a dimensão competência e o nível de perícia dos esportistas (RUIZ ET AL., 1998). Os atletas de alto rendimento primam pela execução ótima de suas habilidades (GASPAR ET AL., 2005;

RUIZ & ARRUZA, 2005), o que sinalizaria uma alta percepção sobre suas capacidades esportivas.

No entanto, os resultados dos estudos com o CETD (RUIZ ET AL., 1998; MARTINEZ, 2002) apresentaram baixos escores no fator competência, menores até que os encontrados na dimensão aprendizagem. Ruiz et al. (1998) enumeram três possíveis razões que justificam esses baixos valores: a) como os itens referem-se a comparações, com companheiros ou adversários, sobre a competência em decidir, os atletas por uma “falsa modéstia” preferem não se autodenominarem nem melhor, nem pior que os demais; b) por não ser um aspecto presente com relevância na sua formação esportiva, os atletas não teriam uma referência clara para responder aos itens e c) os resultados podem revelar a pouca importância dada à competência decisional dos atletas pelos profissionais que trabalham com o esporte.

O perfil decisional encontrado no presente estudo assemelha-se ao observado na pesquisa de desenvolvimento do CETD, feita por Ruiz et al. (1998), quando comparados com a amostra do estudo de esportes coletivos e que competem em nível local (FIGURA 12). A equipe X apresentou resultado inferior no fator competência, enquanto a Y obteve índices superiores em todos os fatores do CETD, aproximando-se do perfil decisional ideal, em forma de V (RUIZ ET AL., 1998).



* RUIZ et al (2000)

FIGURA 12 – Médias nos fatores do CETD das equipes X e Y e do estudo que originou o instrumento

4.3.2 RLSS

A versão da Escala de Liderança no Esporte Revisada aplicada nesse estudo foi a de percepção dos jogadores sobre os comportamentos de liderança do treinador. Os estudos com foco na liderança comparam a percepção dos jogadores com a preferência dos mesmos e a autopercepção do treinador sobre seus comportamentos de liderança (COSTA, 2006; LOPES, 2006; GOMES, 2005).

A congruência entre esses fatores contribui para aumento da satisfação e do rendimento dos jogadores (GOMES, 2005; WEINBERG & GOULD, 2001). O foco do presente trabalho é a investigação das correlações entre a percepção dos atletas e seu perfil decisional. Para tal faz-se necessário discutir os dados das equipes na Escala de Liderança no Esporte Revisada (TABELA 13).

TABELA 13 – Análise descritiva dos resultados da RLSS

Equipes			DEM	AUT	SS	REF	TI	SIT
X	Faixa	≤ 19	2,95	3,00	2,43	3,57	3,33	3,10
		Idade ≥ 20	2,64	3,09	2,50	3,00	3,67	3,17
	(anos)							
	Faixa	≤ 9	2,87	3,15	2,50	3,67	3,72	3,28
		Treino ≥ 10	2,83	2,85	2,38	3,00	3,00	2,88
	(anos)							
	Posição	Defesa	2,48	2,97	2,00	2,69	3,20	3,08
		Mista	3,31	3,15	2,80	3,92	3,64	3,22
		Ataque	2,08	2,63	2,50	3,67	3,30	2,80
Y	Faixa	≤ 19	3,89	2,79	3,96	4,33	4,17	4,30
		Idade ≥ 20	3,69	3,13	3,78	4,38	4,29	4,04
	(anos)							
	Faixa	≤ 9	3,25	3,07	3,63	4,13	4,05	3,20
		Treino ≥ 10	3,79	3,06	3,84	4,41	4,30	4,21
	(anos)							
	Posição	Defesa	3,57	2,95	4,08	4,68	4,40	4,00
		Mista	3,81	3,13	3,82	4,37	4,33	4,18
		Ataque	3,75	3,09	3,38	3,89	3,90	4,00

Na comparação dos resultados das equipes, observou-se que os jogadores do time Y avaliaram seu treinador com escores superiores em todas as dimensões do teste, sendo que o único fator que não representou uma diferença significativa foi o autocrático (TABELA 14 – abaixo).

Um dado importante a ser considerado é o tempo de convivência com o treinador em cada equipe. Enquanto o treinador do time Y estava no cargo há 2 anos, o do X tinha assumido a equipe há 2 meses. É inegável que os jogadores do Y conheciam melhor o estilo de liderança de seu treinador, do que os do X. Como a RLSS analisa a percepção dos atletas, essa diferença de tempo de convivência pode ter ocasionado as disparidades nos resultados dos times.

TABELA 14 – Análise descritiva e da variância da RLSS das equipes X e Y

	Equipes				Sig.
	X		Y		
	Média	DP	Média	DP	
Democrático	2,85	,59	3,72	,33	,000(*)
Autocrático	3,02	,41	3,06	,40	,822
Suporte Social	2,45	,60	3,81	,44	,000(*)
Reforço	3,40	,77	4,37	,47	,001(*)
Treino-instrução	3,43	,73	4,26	,45	,001(*)
Situacional	3,12	,39	4,08	,47	,000(*)

* Diferença significativa ao nível $p \leq ,05$

Os jogadores da equipe X perceberam seu treinador com um estilo de decisão predominantemente autocrático, voltado para uma interação baseada no treino-instrução e no reforço, conforme dados da FIGURA 13 (próxima página). Os resultados indicam que os atletas vêem o treinador como alguém que toma as decisões sem consultá-los, mas demonstra preocupação em desenvolver suas habilidades técnicas e táticas e reconhece quando os jogadores jogam ou treinam bem.

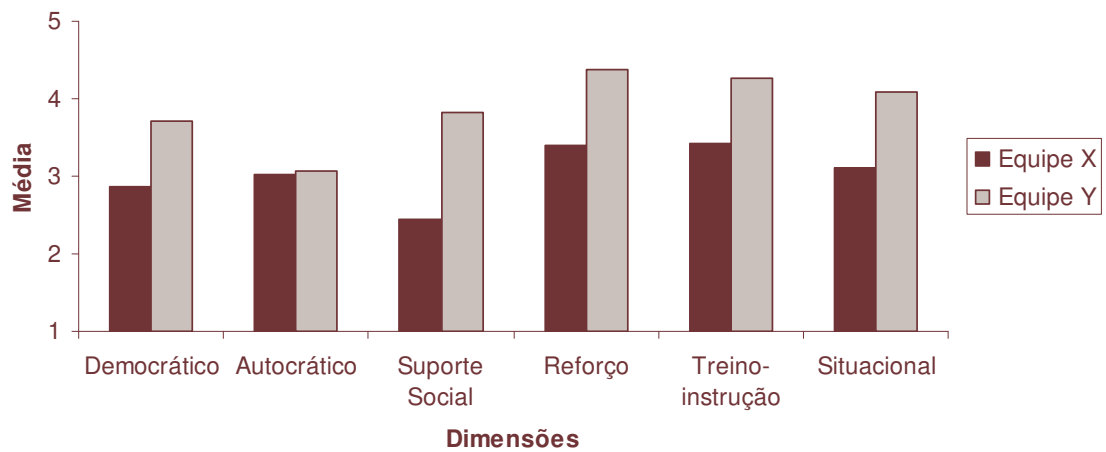


FIGURA 13 – Médias das dimensões da RLSS das equipes X e Y

Os atletas da equipe Y avaliaram o treinador com um estilo de decisão mais democrático, com características de interação voltadas para o reforço e para o treino-instrução (FIGURA 13 – acima). Os dados revelam também um alto escore na dimensão situacional. Os dados revelam um treinador que valoriza a participação dos atletas nas decisões da equipe, que elogia o bom rendimento e se preocupa em aprimorar as habilidades de seus atletas.

Em relação ao estilo de decisão (democrático ou autocrático), o perfil do treinador do time X corresponde aos resultados de algumas pesquisas sobre o perfil ideal (COSTA, 2006; CHELLADURAI & CARRON, 1983), ao revelarem que os treinadores entendem como mais adequado o estilo de liderança autocrático. Enquanto o perfil do treinador da equipe Y está em acordo com o estudo realizado por Costa (2003 *apud* COSTA, 2006).

Em relação ao estilo de interação, ambos os treinadores apresentam as mesmas características encontradas nos estudos de Costa (2006) e Lopes (2006). Os autores afirmam que as dimensões tidas como ideais pelos treinadores são, por ordem de importância, treino-instrução, reforço, situacional e suporte social.

Antes de abordar a inter-relação entre os resultados do CETD e da RLSS é importante fazer alguns esclarecimentos.

Segundo Chelladurai e Carron (1983) e Chelladurai e Saleh (1980) a influência do estilo de decisão do treinador sobre o rendimento do atleta está condicionada à

discrepância/congruência entre a preferência e a percepção dos jogadores sobre o estilo de liderança do técnico. Quanto mais próximo o comportamento do líder estiver daquilo que os atletas vêem como ideal, maiores serão seus níveis de satisfação e rendimento (COSTA, 2006; LOPES; 2006; GOMES, 2005).

Para se discutir efetivamente a influência do estilo de decisão adotado pelo técnico sobre o perfil decisional dos jogadores, seria necessário conhecer a opinião desses atletas sobre o estilo que eles preferem. Por exemplo, a equipe X avaliou o estilo de decisão do treinador como autocrático. Para aqueles atletas que preferem esse estilo, a consequência sobre seus rendimentos tende a ser positiva; enquanto os que não gostam de trabalhar com um técnico autocrático, tendem a ter seu rendimento prejudicado. O mesmo raciocínio é válido para os jogadores do time Y.

Nesse sentido, os resultados das correlações encontrados devem ser encarados com cautela, pois não há elementos sobre a preferência dos atletas em relação ao estilo de decisão e de interação do técnico, conforme exposto na TABELA 1 (página 15), que expõem as hipóteses do estudo.

Os dados da TABELA 15 apresentam os coeficientes de correlação de Pearson entre o CETD e a RLSS.

TABELA 15 – Índices de correlação entre os fatores do CETD e as dimensões da RLSS

Dimensões RLSS		Fatores CETD		
		Competência	Ansiedade	Aprendizagem
Democrático	r de Pearson	,532(*)	-,285	,283
	Sig.	,003	,079	,080
Autocrático	r de Pearson	,362(*)	-,004	,100
	Sig.	,035	,492	,313
Suporte-Social	r de Pearson	,452(*)	-,384(*)	,462(*)
	Sig.	,010	,026	,009
Reforço	r de Pearson	,474(*)	-,368(*)	,239
	Sig.	,007	,032	,120
Treino-Instrução	r de Pearson	,428(*)	-,336(*)	,374(*)
	Sig.	,015	,046	,030
Situacional	r de Pearson	,426(*)	-,230	,383(*)
	Sig.	,015	,129	,027

* Correlação é significativa ao nível $p \leq 0.05$

Em relação ao estilo de decisão, as correlações entre o comportamento democrático e autocrático dos treinadores e os fatores do CETD são semelhantes. Ambos indicam correlações positivas com competência e aprendizagem e negativa com ansiedade. Sendo que apenas com o fator competência houve correlação significativa (TABELA 15 - acima).

Apesar de a dimensão democrática apresentar valores superiores, no coeficiente de Pearson e no nível de significância, em comparação com a autocrática; a similaridade dos dados aponta para os mesmos efeitos de ambas sobre o perfil decisional dos jogadores, ou seja, o estilo de decisão do treinador não interfere de forma diferenciada sobre como o atleta toma as decisões durante o jogo. Segundo Chelladurai e Saleh (1980) os líderes, apesar de possuir um estilo de liderança predominante, tende a se comportar conforme as circunstâncias demandam. Isso quer dizer que mesmo um treinador com estilo de liderança autocrático, pode se comportar em alguns momentos democraticamente. Nesse sentido, os resultados semelhantes entre essas duas dimensões da RLSS podem ser entendidas pela possibilidade dos treinadores assumirem ambas as posturas no relacionamento com os atletas.

Essa conclusão está de acordo com os modelos teóricos que embasam os testes. As questões propostas pelo CETD referem-se à atuação do jogador durante a partida (RUIZ ET AL., 1998) enquanto o estilo de decisão avaliado pela RLSS diz respeito ao relacionamento entre técnico e atletas no dia-a-dia de convivência no clube (CHELLADURAI & SALEH, 1980).

No transcurso do jogo o treinador, junto com a comissão técnica, é o responsável por tomar as decisões, assumindo um papel eminentemente autocrático, mesmo porque isso faz parte de suas atribuições. Portanto, no decorrer da partida não cabe a discussão sobre o estilo de decisão do treinador.

A discussão que surge é se a maneira como o técnico envolve os jogadores nas decisões extra-campo sobre treinamentos, estratégias, definição de normas entre outros, interfere na capacidade do atleta decidir durante o jogo.

A resposta a essa questão não é simples, por envolver outros fatores que não foram abordados no presente trabalho. Pode-se, por exemplo, levantar a hipótese de que o atleta satisfeito com o estilo de liderança de seu treinador, demonstra maior interesse em aumentar sua capacidade de tomar decisões no esporte, sente-se mais competente para decidir no momento do jogo ou não experimenta ansiedade quando é

solicitado a tomar decisões importantes na partida. Conforme dito anteriormente, o estudo não abordou a opinião (satisfação) dos jogadores, mas apenas suas percepções.

No que concerne aos estilos de interação do técnico com os jogadores, constatou-se uma correlação positiva entre as dimensões situacional, suporte social e treino-instrução e os fatores competência e aprendizagem; e negativa entre as duas últimas e o fator ansiedade. A dimensão reforço correlaciona-se positivamente com competência e negativamente com ansiedade (TABELA 15 – página 69).

As dimensões da RLSS que sobressaíram no estudo foram a treino-instrução e a de reforço. Ambas as equipes perceberam seus técnicos preocupados em melhorar as habilidades técnicas e táticas dos jogadores, em planejar os treinamentos para que sejam efetivos e comprometidos com a evolução do rendimento esportivo dos atletas. Os treinadores, na opinião dos atletas, reconhecerem e recompensaram os bons desempenhos, além de adotarem uma filosofia de trabalho que valoriza o acerto.

Não obstante a similaridade dos estilos de interação dos técnicos, os resultados do CETD nos fatores ansiedade e aprendizagem foram significativamente diferentes (TABELA 15 – página 69). Entretanto não se encontra elementos nas análises estatísticas da RLSS que justifiquem essas distinções, tendo em vista que a percepção dos jogadores de ambas as equipes sobre o estilo de interação dos técnicos difere apenas na ordem das dimensões – reforço em primeiro na equipe Y e em segundo na X – e treino-instrução, situação inversa da anterior.

Os dados de correlação de ambas as dimensões são equivalentes para os fatores ansiedade e aprendizagem, o que denota a falta de importância sobre qual predomina na percepção dos atletas.

Os baixos valores obtidos, pelos dois times, no fator ansiedade pode ser explicado pelo ambiente de relacionamento/treinamento criado pelo treinador que adota o estilo de liderança predominantemente reforçador e instrutivo.

Os técnicos com essas características conseguem eliminar do ambiente esportivo algumas situações causadoras de ansiedade, que podem interferir na tomada de decisão dos jogadores.

Rose Junior et al (2004) listam alguns estudos que citam situações eliciadoras de ansiedade no esporte competitivo, como: necessidade de manter um padrão de rendimento elevado, longos períodos de preparação e rotina de treinamentos.

O treinador comprometido com aumento e manutenção da capacidade esportiva de seus comandados cuida para que seus treinos não sejam monótonos e não perca a efetividade, além de dar ferramentas a seus atletas para manterem seu padrão de rendimento; contribuindo assim para a diminuição do nível de ansiedade desses jogadores.

Rose Junior (2002) cita como fonte de ansiedade os erros cometidos durante os jogos, postura do técnico em criticar e enfatizar apenas os erros dos jogadores. Esses aspectos podem ser amenizados, caso o treinador adote um estilo de interação reforçador, caracterizado pelo foco nos acertos e reconhecimento dos esforços.

Os altos valores alcançados no fator aprendizagem (TABELA 12 – página 62) pelos atletas de ambos os times estão de acordo com o estilo de interação apresentado pelos treinadores (treino-instrução e reforço). A característica de tomada de decisão do jogador com alto escore em aprendizagem envolve seguir as orientações do técnico e mostrar-se comprometido em melhorar sua habilidade de tomar decisões no esporte, ou seja, valoriza os treinamentos e estabelece um vínculo de confiança com o treinador.

5 – CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

Ainda que muitas conclusões já tenham sido apresentadas na discussão dos resultados, são necessárias algumas reflexões sobre o tema, tendo em vista a grande quantidade de informações coletadas.

Para tanto optou-se por apresentar as conclusões e recomendações referentes às hipóteses iniciais do trabalho.

Primeira hipótese nula – Não há diferenças entre as características psicométricas do CETD original e a versão aplicada no Brasil.

O valor de referência normalmente usado para uma confiabilidade aceitável é $\alpha \geq 0,70$, sendo aceito 0,60 como limite inferior, quando se tratar de pesquisas de caráter exploratório (LOPES, 2006), como é o caso desse estudo.

Com base nisso, conclui-se que todos os fatores do CETD apresentaram índices de confiabilidade aceitáveis. A dimensionalidade do instrumento foi verificada a partir dos autovalores ($eigenvalue \geq 1,000$), que indicaram a presença de três fatores. Em relação à consistência interna do teste, apenas o fator aprendizagem apresentou itens com índices abaixo dos recomendáveis (PASQUALI, 1999a). Sobretudo nos itens que tinham relação com a obediência restrita às orientações do treinador.

Em relação à aplicação do instrumento, ocorreram algumas situações que se distanciam do ambiente tido como ideal para se responder um teste. As características dos locais de treinamento (arquibancadas, alojamentos, quadras, etc.), por exemplo, ocasionaram algumas dificuldades na aplicação do CETD.

Apesar do preenchimento do questionário ser individual, em alguns casos houve comentários sobre as questões, em sua maioria em tom de brincadeira com os companheiros de equipe ou com o treinador. Além disso, houve dificuldade em manter todos os atletas concentrados e em silêncio durante a resolução do instrumento.

Os dados rejeitaram a hipótese nula ($H0_1$), indicando que o CETD pode ser aplicado no Brasil em pesquisas que envolvam o estudo da tomada de decisão no esporte.

Recomendações:

↳ Devem ser realizadas pesquisas futuras com amostras mais diversificadas, e.g. nível de prática e gênero, e mais amplas para possibilitar a generalização dos resultados de validade do instrumento para outras populações;

↳ Os itens que compõem o fator aprendizagem, principalmente os que obtiveram baixos níveis de saturação, deveriam passar por uma nova análise semântica e de construto.

Segunda hipótese nula – Não há diferença entre os resultados obtidos na aplicação da versão original do CETD quando comparados com os resultados obtidos na versão contextualizada.

A versão contextualizada do CETD foi caracterizada pela inserção de uma situação hipotética, na qual o atleta deveria se imaginar e responder ao teste como se de fato estivesse vivendo aquela circunstância. O objetivo dessa contextualização é verificar se os sujeitos possuem um perfil, como um traço de personalidade, de tomada de decisão no esporte ou se suas maneiras de se comportarem nas competições variam conforme o contexto em que se encontram. Em outras palavras, será que um jogador que se sente à vontade pra tomar as decisões durante o jogo manterá essa mesma disposição em momentos decisivos da partida?

A realização desse estudo demonstrou que os dados obtidos a partir da aplicação de instrumentos psicológicos requerem considerações individualizadas para que as informações obtidas possam ser úteis para embasar intervenções práticas. O uso de testes deve ser acompanhado de outros meios de avaliação, pois com o auxílio de outras fontes de informações sobre o jogador a análise dos resultados assume uma dimensão mais próxima da realidade. No caso específico desse estudo, só foi possível compreender alguns resultados, que estatisticamente e, às vezes, teoricamente não faziam sentido, pelo fato do pesquisador possuir outras informações sobre os jogadores, fruto da convivência entre eles. Nesse sentido, apesar das dificuldades metodológicas do estudo, acredita-se que ele tenha o seu valor por demonstrar as especificidades do trabalho aplicado no ambiente esportivo.

Nos dados obtidos não houve diferenças significativas entre o CETD e a versão contextualizada em nenhum dos fatores do teste. Antes de tirar conclusões acerca dos resultados são necessárias algumas considerações sobre a metodologia empregada no estudo.

O cenário contextual escolhido foi um que potencialmente gerasse ansiedade nos atletas. Entretanto o efeito da situação exposta (aumento da ansiedade) pode não ter sido o mesmo em todos os jogadores, tendo em vista que a percepção de um evento como eliciador de ansiedade envolve características de personalidade e experiências pessoais (WEINBERG & GOULD, 2001).

Além disso, o efeito da ansiedade sobre o desempenho está relacionado a estratégias de enfrentamento utilizadas, ou seja, algumas pessoas têm maior capacidade de manejo adequado da ansiedade, diminuindo consideravelmente os efeitos desta sobre seu rendimento esportivo.

Diante disso, surge a dúvida: será que a ansiedade (contexto) não influenciou na tomada de decisão dos jogadores ou a situação hipotética não assumiu um caráter eliciador de ansiedade? Esse questionamento dificulta qualquer posicionamento teórico sobre os resultados dos testes, tendo em vista a impossibilidade de respondê-lo categoricamente.

Não se tem conhecimento na literatura de estudos sobre tomada de decisão no esporte, com o uso do CETD, em conjunto com situações impostas arbitrariamente (RUIZ & GRAUPERA, 2005; MARTINEZ, 2002; RUIZ ET AL., 1998). Portanto ainda não existem dados sobre a sensibilidade do teste em captar mudanças nos resultados em função de uma variável (contexto) apresentada aos sujeitos no momento da aplicação.

Com isso tem-se um segundo questionamento para ser levado em conta na discussão dos dados: será que a inserção de uma condição para se responder ao teste altera o nível de confiabilidade do instrumento em relação ao original?

Para responder a contento os dois questionamentos levantados é necessária a realização de outras pesquisas, que se preocupem em controlar a variável independente (ansiedade), no sentido de garantir a sua presença efetiva no contexto experimental.

Os dados do estudo demonstram que não há diferenças entre o CETD e sua versão contextualizada. No entanto, em virtude das controvérsias apresentadas, não é possível afirmar que a ansiedade não interfere na capacidade de tomada de decisão no esporte.

Os resultados não oferecem elementos para discutir se o perfil de tomada de decisão está mais relacionado a uma característica variável ou a um traço. A variação que os sujeitos apresentaram sinaliza para uma análise do teste considerando os fatores separadamente. Somente 3 sujeitos exibiram as mesmas tendências em todos os fatores, os demais apresentaram tendências distintas entre as dimensões do instrumento. Sugerindo que, mediante a inserção de uma variável interveniente, os fatores do CETD reagiriam de maneira independente.

Dessa forma, a capacidade de tomada de decisão no esporte deveria considerar cada fator separadamente. Na prática, o treinamento da habilidade decisional do atleta deve considerar cada aspecto avaliado pelo teste, competência decisional, ansiedade ao decidir e compromisso com a aprendizagem decisional. Isso implica que os treinadores devem conhecer quais as deficiências decisoriais de seus atletas, para treiná-las especificamente.

Recomendações:

- ↳ Aconselha-se a realização de novas pesquisas, usando tanto a mesma variável (ansiedade), como outras variáveis psicológicas (e.g. auto-estima, motivação, auto-eficácia);
- ↳ Os estudos com o CETD que envolvam contextualizações devem ser precedidos por avaliações de como o contexto utilizado afeta os indivíduos;
- ↳ Replicar (teste-reteste) a versão contextualizada do CETD com os mesmos sujeitos para verificar o nível de confiabilidade do instrumento;
- ↳ Aplicar o CETD após uma partida/competição, solicitando aos atletas que respondam o teste conforme se comportaram naquele jogo. Dessa forma, também seria considerado o contexto, com a diferença de ser uma situação real vivida há poucos instantes pelos jogadores. Com isso, seria diminuída a possível interferência de outros processos psicológicos, como a memória e a visualização.

Terceira hipótese nula - O estilo de liderança do treinador não está correlacionado com o perfil de tomada de decisão do atleta.

Os estudos sobre liderança no esporte, segundo Gomes (2002), têm abordado tanto a relação entre as características dos atletas (e.g. idade, gênero, modalidade esportiva, nível de rendimento) e o estilo adotado pelos treinadores; quanto às conseqüências do estilo de liderança sobre os jogadores (e.g. satisfação e coesão). O presente estudo também abordou as conseqüências, considerando o perfil de tomada de decisão no esporte.

O desenho metodológico da pesquisa gerou algumas limitações na extensão de suas conclusões para outras populações, como exposto a seguir.

A versão do instrumento sobre liderança utilizada no estudo foi a de percepção do estilo de liderança adotado pelo técnico. Os dados obtidos ilustram como os jogadores vêem os comportamentos de liderança de seu treinador.

No entanto, apenas essa informação não fornece elementos suficientes pra saber se o estilo do técnico é ou não adequado para aquela equipe. Para tal, seria necessário conhecer também o estilo de liderança tido como ideal pelos atletas; somente assim seria possível saber o quanto o comportamento do treinador se aproxima do preferido por seus comandados.

Estudos sobre o tema demonstram que a amplitude dessa diferença é o fator primordial para entender os efeitos do estilo de liderança adotado sobre os jogadores, quanto mais próximo da preferência dos jogadores for o estilo do treinador, melhores serão os efeitos sobre os primeiros. (COSTA, 2006; LOPES, 2006; GOMES, 2002; CHELLADURAI & CARRON, 1983; CHELLADURAI & SALEH, 1980).

Dessa forma, não se pretende estender as conclusões da pesquisa para outras populações, por se tratar de um retrato específico da realidade estudada. Para se conseguir fazer generalizações das conclusões encontradas dever-se-ia abordar a discrepância entre o estilo de liderança percebido e o preferido dos jogadores.

Não se pode afirmar, por exemplo, que o estilo de interação suporte social diminui a ansiedade dos atletas ao decidirem, como indica as correlações da TABELA 15. Essa relação somente se concretiza na medida em que esse estilo de interação é valorizado pelos jogadores, o que possivelmente tenha acontecido com a amostra analisada.

Feito essa delimitação, pode-se afirmar que ambos os estilos de decisão (democrático e autocrático) se relacionam significativamente apenas com o fator competência, ou seja, independente de qual dos dois estilos for adotado pelo treinador ele estará contribuindo para aumentar a confiança de seus jogadores para tomar decisões durante a partida. Os dados demonstram que essa correlação é mais forte com o estilo democrático. O treinador que assume qualquer um dos quatro estilos de interação (suporte social, reforço, treino-instrução ou situacional) também colabora para o aumento da competência decisional percebida.

Com exceção do estilo de interação situacional, todos os demais revelaram correlação negativa com o fator ansiedade. Os estilos suporte social, reforço e treino-instrução se apresentam como adequados para manejo do nível de ansiedade ao decidir dos jogadores, ou seja, o treinador que adota um dessas maneiras de se relacionar com a equipe, contribui para diminuir o nível de incerteza e nervosismo dos atletas nas decisões tomadas no jogo.

O compromisso do jogador em se dedicar nos treinamentos e seguir as orientações do técnico está relacionado positivamente com os estilos suporte social, treino-instrução e situacional.

Os resultados indicam que a interação entre treinador e jogadores interfere na tomada de decisão destes, ou seja, a maneira como o treinador se relaciona com seus comandados pode melhorar ou prejudicar a tomada de decisão dos jogadores.

O treinador deve considerar no ambiente de treinamento o tipo de relacionamento que constrói com os atletas. Alguns treinadores preferem adotar um estilo mais autocrático, com pouco contato com os jogadores, sob o argumento de manter uma postura profissional.

É importante que o técnico saiba as prováveis conseqüências, da maneira como ele conduz o relacionamento, sobre o rendimento da sua equipe. Em termos de atributos profissionais exigidos do treinador de futebol, não basta somente o desenvolvimento de conhecimentos técnicos acerca da modalidade, é necessário possuir habilidades interpessoais, relacionadas à comunicação, liderança e manejo do grupo.

Assim, pode-se dizer que o estilo de liderança dos treinadores avaliados no estudo interfere no perfil de tomada de decisão de seus jogadores.

Recomendações:

- ↪ Recomenda-se a realização de pesquisas comparando o estilo de liderança do treinador percebido e preferido dos jogadores e sua implicação no perfil decisional destes;
- ↪ É importante a realização de estudos que verifiquem a influência de outros fatores (e.g. coesão de grupo, satisfação) sobre o perfil decisional do atleta.

Considerações finais

A construção da relação treinador-atleta é uma parte primordial do contexto esportivo, na medida em que envolve definições de papéis, normas a serem seguidas, qualidade da comunicação e do relacionamento interpessoal, propriamente dito, entre outros. Os vários aspectos presentes na mediação entre treinador e atleta são variáveis que devem ser consideradas no estudo do ambiente esportivo.

Apesar das limitações do presente estudo, acredita-se que os resultados desta pesquisa levantaram questões importantes sobre o estudo do comportamento tático dos atletas e sobre o papel dos comportamentos de liderança do treinador no rendimento dos jogadores.

As exigências por resultados satisfatórios no futebol profissional têm gerado um investimento considerável nas condições de trabalho oferecidas pelos clubes, tanto em termos de estrutura física, como equipamentos e instalações modernas, como em termos de pessoal, representado pela variedade de profissionais, cada vez mais especializados e capacitados, envolvidas com a preparação de uma equipe.

É importante que o treinador acompanhe essa tendência de busca da excelência, através de constante formação teórica e da capacitação para administrar o grande número de variáveis presentes no ambiente de treinamento e competição. Dentre eles, o relacionamento interpessoal com a equipe, que tende a ser deixado em segundo plano por não expressar uma relação tão clara e direta com o rendimento dos jogadores, que, em última instância, é o maior objetivo dos clubes de futebol profissional.

A visão de um treinamento completo, que considere o maior número possível de questões relacionadas com o desempenho dos jogadores, passa pela valorização da interação estabelecida entre treinador e atletas.

Atualmente, esse tem sido um grande desafio para as partes envolvidas pela cultura administrativa de muitos clubes de futebol no Brasil, que não se planejam adequadamente e quando os resultados esperados (vitórias) não aparecem, o técnico é responsabilizado com a perda do cargo. Essa alta rotatividade dificulta o desenvolvimento de uma relação ideal entre treinador e jogadores.

Se treinadores e dirigentes compreenderem a importância do estabelecimento desse vínculo será um grande passo na valorização de um trabalho a longo prazo e devidamente planejado.

6 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABERNETHY, B.; WANN, J. & PARKS, S. Treinamento das habilidades perceptivo-motoras no esporte. In ELLIOT, B. & MESTER, J. (Org) **Treinamento no Esporte**: aplicando ciência no esporte. Guarulhos-SP: Editora Phorte. 2000.
- ALVES, J. Liderazgo y clima organizacional. **Revista de Psicología Del Deporte**, v. 9, n. 1-2, p. 122-133, 2000.
- ARAÚJO, D.; DAVIDS. K. & HRISTOVSKI, R. The ecological dynamics of decision making in sport. **Psychology of Sport and Exercise**, v. 7, p. 653-76, 2006.
- ARAÚJO, D.; DAVIDS. K. & SERPA, S. An ecological approach to expertise effects in decision-making in a simulated sailing regatta. **Psychology of Sport and Exercise**, v. 6, p. 671-92, 2005.
- ARAÚJO, D. & SERPA, S. Toma de decisión dinâmica em diferentes niveles de expertise en el deporte de vela. **Revista de Psicología del Deporte**, v. 8, n. 1, p. 103-115, 1999.
- ASSAF, R. **Banho de bola**: os técnicos, as táticas e as estratégias que fizeram história no futebol. Rio de Janeiro: Dumara. 2002.
- BAR-ELI, M. & RAAB, M. Judgment and decision making in sport and exercise: rediscovery and new visions. **Psychology of Sport and Exercise**, v. 7, p. 519-524, 2006.
- BECKER JR., B. **Manual de psicologia do esporte & Exercício**. Porto Alegre: Novaprova. 2000.
- BLOMQUIST, M.; VANTTINEN, T & LUHTANEN, P. Assessment of secondary school students: decision-making and game-play ability in soccer. **Physical Education and Sport Pedagogy**, v. 10, n. 2, p. 107-119. 2005.
- BRANDÃO, M. R. F. O papel do treinador como motivador do treinamento desportivo. **Motriz**, v. 9, n. 1(suplem.), p.S19-S24. 2003.
- BRANDÃO, M. R. F.; AGRESTA, M & REBUSTINI, F. Estados emocionais de técnicos brasileiros de alto rendimento. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 10, n. 3, pp 25-28. 2002.
- BUSCÁ, B. & RIERA, J. R. Orientación deportiva hacia actividades tácticas. **Revista**

- de Psicología del Deporte**, v. 8, n. 2, p. 271-276. 1999.
- BUTT, J.; WEINBERG, R. & HORN, T. The intensity and directional interpretation of anxiety: fluctuations throughout competition and relationship to performance. **The Sport Psychologist**, v. 17, p. 35-54, 2003.
- CAMPOS, R. S. **Estudo comparativo das habilidades motoras e cognitivas em praticantes de futebol de diferentes locais de prática**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Paraná. 2004.
- CARLOTTO, M.S. & CÂMARA, S.G. Propriedades psicométricas do maslach burnout inventory em uma amostra multifuncional. **Estudos de Psicologia**, v. 24, n.3, p. 325-332, jul./set. 2007.
- CHELLADURAI, P. A model of performance measures in baseball. **Journal of Sport & Exercise Psychology**, v. 13, p. 16-25. 1991.
- _____. Leadership in sports - a review. **International Journal of Sport Psychology**, v. 21, n. 4, p. 328-354, 1990.
- _____. Discrepancy between preferences and perceptions of leadership-behavior and satisfaction of athletes in varying sports. **Journal of Sport Psychology**, v. 6, n.1, p. 27-41, 1984.
- CHELLADURAI, P., & CARRON, A. V. Athletic maturity and preferred leadership. **Journal of Sport Psychology**, v. 5, n. 4, p. 371-380. 1983.
- CHELLADURAI, P., HAGGERTY, T. R., & BAXTER, P. R. Decision style choices of university basketball coaches and players. **Journal of Sport & Exercise Psychology**, v. 11, n. 2, p. 201-215. 1989.
- CHELLADURAI, P., IMAMURA, H., YAMAGUCHI, Y., OINUMA, Y., & MIYAUCHI, T. Sport leadership in a cross-national setting - the case of Japanese and Canadian university athletes. **Journal of Sport & Exercise Psychology**, v. 10, n. 4, p. 374-389. 1988.
- CHELLADURAI, P. & SALEH, S. D. Dimensions of leader behavior in sports: development of a leadership scale. **Journal of Sport Psychology**, v. 2, p. 34-45. 1980.
- CILLO, E. N. P. Análise de jogo como fonte de dados para intervenção em psicologia do esporte. In: RUBIO, K. (Org). **Psicologia do esporte aplicada**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

- COSTA, I. T. **Análise do perfil de liderança de treinadores de futebol do campeonato brasileiro série A/2005**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Minas Gerais. 2006.
- CUNHA, S. A.; BINOTTO, M. R. & BARROS, R. M. L. Análise da variabilidade na medição de posicionamento tático no futebol. **Revista Paulista de Educação Física**, v. 15, n. 2, p.111-116. 2001.
- FRENCH, K. E. & THOMAS, J. R. The relation of knowledge development to children's basketball performance. **Journal of Sport Psychology**, n. 9, p. 15-32, 1987.
- GALLEGO, D. I.; ARROYO, M. P. M.; CLEMENTE, J. A. J.; GIMENO, E. C. & VILLAR, F. D. Conocimiento procedimental y toma de decisiones en baloncesto: los años de experiencia como variable predictora. In: III CONGRESO INTERNACIONAL SOBRE LA ENSEÑANZA DE LA EDUCACIÓN FÍSICA Y EL DEPORTE ESCOLAR. **Anais**. Valladolid, 2003.
- GARGANTA, J. Competências no ensino e treino de jovens futebolistas. **Lecturas: Educación Física e Deportes**, ano 8, n. 45. 2002. Disponível em <<http://www.efdeportes.com>>. Acesso em 07 de junho 2007.
- GARGANTA, J. Análise da performance nos jogos desportivos. Revisão acerca da análise do jogo. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**. v. 1, n. 1, p. 57-64, 2001.
- GASPAR, P.; FERREIRA, J. P. & RUIZ, L. M. Tomadas de decisão no desporto: o seu ensino em jovens atletas. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, v. 4, n. 4, p. 95-111. 2005.
- GOMES, A. R. D. **Liderança e relação treinador-atleta em contextos desportivos**. Tese de Doutorado. Universidade do Minho. Portugal. 2005.
- GRECO, P. J. Conhecimento técnico-tático: o modelo pendular do comportamento e da ação tática nos esportes coletivos. **Revista Brasileira de Psicologia do Esporte e do Exercício**, v 0, p. 107-129. 2006.
- _____. Da capacidade de jogo ao treinamento tático. In: GRECO, P. J. (Org) **Iniciação Esportiva Universal 2**. Belo Horizonte: Editora UFMG, p. 77-91, 1998.

- GRÉHAIGNE, J. F. & WALLIAN, N. Response to “Think SMART” – some elements of perception/decision/action in team sports. **Physical Education and Sport Pedagogy**, v. 12, n. 1, p. 16-21. 2007.
- GRÉHAIGNE, J. F. & CHANG, C. W. Configurations of play, action rules and ball circulation in soccer. **Journal of the International Federation of Physical Education**, v. 75, n.2, p. 26-31. 2005.
- GRÉHAIGNE, J. F., GODBOUT, P. & BOUTHIER, D. The teaching and learning of decision making in team sports. **Quest**, v. 53, n. 1, 59-76. 2001.
- GRÉHAIGNE, J. F.; BOUTHIER, D. & DAVID, B. Dynamic-system analysis of opponent relationships in collective actions in soccer. **Journal of Sports Sciences**, v. 15, n. 2, p. 137-149. 1997.
- HELAL, R. Idolatria e malandragem: a cultura brasileira na biografia de Romário. In: ALABARCES, P. **Futbologias: futebol, identidad y violencia en america latina**, CLACSO, Buenos Aires, Argentina. 2003.
Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/alabarces/PIII-Helal.pdf>>. Acesso em 08 de julho de 2008
- HUMARA, M. The relationship between anxiety and performance: a cognitive-behavioral perspective. **Athletic Insight**, v. 1, n. 2, 1999.
- IGLESIAS, D. **Conocimiento táctico y toma de decisiones en la formación de jóvenes jugadores de baloncesto**. Livro Digital: Editora CV Ciências del Deporte. 1999. Disponível em:
<<http://cdeporte.rediris.es/biblioteca/DOCUMENTO.pdf>>. Acesso em: 06 de junho de 2007.
- JIMÉNEZ, A. C. & RUIZ, L. M. Análisis de las tomas de decisión en la fase de ataque de las jugadoras aleras de baloncesto. **Revista Internacional de Ciencias del Deporte**, v. 4, n. 2, p. 26-46, 2006.
- JOHNSON, J. G. Cognitive modeling of decision making in sports. **Psychology of Sport and Exercise**, v. 7, p. 631-652. 2006
- LEE, M. J.; WHITEHEAD, J. & NTOUMANIS, N. Development of the attitudes to moral decision-making in youth sport questionnaire (AMDYSQ). **Psychology of Sport and Exercise**, n. 8, p. 369-392, 2007.
- LEES, A. Technique analysis in sports: a critical review. **Journal of Sports**

- Sciences**, v. 20, p. 813-828. 2002.
- LIEBERMANN, D. G.; KATZ, L.; HUGHES, M. D.; BARTLETT, R. M.; MCCLEMENTS, J. & FRANKS, I. M. Advances in the application of information technology to sport performance. **Journal of Sports Sciences**, v. 20, p. 755-769. 2002
- LÔBO, I. L. B; MORAES, L.C.C.A. & NASCIMENTO, E. Processo de validação da escala de comportamento do treinador – versão atleta (ECT-A). **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v.19, n.3, p.255-265, jul./set. 2005.
- LOPES, M. **A relação do estilo de liderança dos treinadores de voleibol com a satisfação das atletas na superliga feminina 2004/2005**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Minas Gerais, 2006.
- LOPES, M; SAMULSKI, D. & NOCE, F. Análise do perfil ideal do treinador de voleibol das seleções brasileiras juvenis. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v.12, n. 4, p. 51-55. 2004.
- MANN, D.; WILLIAMS, A.; WARD, P. & JANELLE, C. Perceptual-cognitive expertise in sport: a meta-analysis. **Journal Of Sport & Exercise Psychology**, v. 29, p. 457-478, 2007.
- MARTINEZ, J. L. **Estudio de la toma de decisión em baloncesto en silla de ruedas**. 2002. Disponível em <
[http://www.feddf.es/LIGAS/rincontecnico/documentos/ESTUDIODECISIONBSR\[2\].doc](http://www.feddf.es/LIGAS/rincontecnico/documentos/ESTUDIODECISIONBSR[2].doc)>. Acesso em 06 de junho de 2007.
- MCMORRIS, T. Performance of soccer players on test of field dependence/independence and soccer-specific decision-making tests. **Perceptual and Motor Skills**, v. 85, p. 467-476. 1997
- MCMORRIS, T. & GRAYDON, J. The effect of exercise on the decision-making performance of experienced and inexperienced soccer players. **Research Quarterly for Exercise and Sport**, v. 67, n. 1, p. 109-114. 1996.
- MULLEN, R.; HARDY, L. & TATTERSALL, A. The effects of anxiety on motor performance: a test of the conscious processing hypothesis. **Journal of Sport & Exercise Psychology**, v. 27, p. 212-225, 2005.

- NEVETT, M. E. & FRENCH, K. E. The development of sport-specific planning, rehearsal, and updating of plans during defensive youth baseball game performance, **Research Quarterly for Exercise and Sport**, v. 68, n. 3, p. 203-214, 1997.
- NEVILL, A. M.; ATKINSON, G.; HUGHES, M. D. & COOPER, S. Statistical methods for analyzing discrete and categorical data recorded in performance analysis. **Journal of Sports Science**, v. 20, p. 829-844. 2002.
- NOCE, F. A importância dos processos psicossociais: um enfoque na liderança. **Revista Brasileira de Psicologia do Esporte e do Exercício**, v 0, p. 55-67. 2006.
- ORTEGA, J. P. Evolución de los instrumentos y métodos de observación em fútbol. **Lecturas: Educación Física e Deportes**, ano 4, n. 17. 1999. Disponível em <http://www.efdeportes.com>. Acesso em 07 de junho de 2007.
- OSLIN, J. L.; MITCHELL, S. A. & GRIFFIN, L. L. The game performance assessment instrument (GPAI): development and preliminary validation. **Journal of Teaching in Physical Education**, v. 17, p. 231-243. 1998.
- PASQUALI, P. **Delineamento de Pesquisa em Ciência**. 2006. Brasília. Não publicado.
- PASQUALI, L. Testes referentes a construto: teoria e modelo de construção. In: PASQUALI, L. (Ed). **Instrumentos psicológicos**: manual prático de elaboração. Brasília: LabPAM/IBAPP. 1999a.
- _____. Escalas psicométricas. In: PASQUALI, L. (Ed). **Instrumentos psicológicos**: manual prático de elaboração. Brasília: LabPAM/IBAPP. 1999b.
- POOLTON, J.M.; MASTERS, R. S. W. & MAXWELL, J. P. The influence of analogy learning on decision-making in table tennis: evidence from behavioral data. **Psychology of Sport and Exercise**, n. 7, p. 677-88, 2006.
- RANDLE, S. & WEINBERG, R. Multidimensional anxiety and performance: an exploratory examination of the zone of optimal functioning hypothesis. **The Sport Psychology**, v. 11, p. 160-174, 1997.
- REZENDE, A. **Elaboração e estudo de uma metodologia de treinamento voltada para o desenvolvimento das habilidades táticas no futebol de campo com base nos princípios da teoria de formação das ações mentais por**

- estágios idealizada por Galperin.** Tese de Doutorado. Universidade de Brasília. 2003
- REZENDE, A. & VALDÉS, H. Métodos de estudo das habilidades táticas (2): Abordagem tomada de decisão. **Lecturas: Educación Física e Deportes**, Ano 10, n. 69. 2004. Disponível em <<http://www.efdeportes.com>>. Acesso em 07 de junho de 2007.
- RIERA, J. R. Acerca del deporte y del deportista. **Revista de Psicología del Deporte**, v. 6, n. 11, p. 127-138. 1999.
- ROMÁN, S. & SAVOIA, M. G. Pensamentos automáticos e ansiedade num grupo de jogadores de futebol de campo. **Psicología: Teoria e Pesquisa**, v. 5, n. 2, p. 13-22, 2003.
- ROSE JUNIOR, D. A competição como fonte de estresse no esporte. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 10, n. 4, p. 16-26, 2002.
- ROSE JUNIOR, D.; SATO, C. T.; SELINGARDI, D.; BETTENCOURT, E. L.; BARROS, J. C. T. S. & FERREIRA, M. C. M. Situações de jogo como fonte de “stress” em modalidades esportivas coletivas. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 18, n. 4, p. 385-95, 2004.
- ROYAL, K. A.; FARROW, D.; MUJIKI, I.; HALSON, S. L.; PYNE, d. & ABERNETHEY, B. The effects on fatigue on decision making and shooting skill performance in water polo players. **Journal of Sports Sciences**, v. 24, n.8, p. 807-815. 2006.
- RUIZ, L. M. & ARRUZA, J. **El proceso de toma de decisiones en el deportes.** Barcelona: Editora Paidós. 2005.
- RUIZ, L. M. & GRAUPERA, J. L. Dimensión subjetiva de la toma de decisiones en el deporte: desarrollo y validación del cuestionario cetd de estilo de decision en el deporte. **European Journal of Human Movement**, v. 14, p. 95-107. 2005.
- RUIZ, L. M.; GRAUPERA, J. L. & NAVARRO, F. **Construcción análisis psicométrico y tipificación de un cuestionario de toma de decisión em el deporte.** Madrid: Consejo Superior de Deportes, 1998.
- RULENCE-PAQUES, P.; FRUCHART, E.; DRU, V & MULLET, E. La prise de decision en football: une perspective developpementale. **Revue Européenne de Psychologie Appliquée**, v. 55, p. 131-136. 2005.

- SAMULSKI, D. M. & BECKER JÚNIOR, B. **Manual de Treinamento Psicológico para o Esporte**. 2. ed. Erechim: Edelbra, 2002.
- SÁNCHEZ, A. C. J & RUIZ, L. M. Análisis de las tomas de decisión en la fase de ataque de las jugadoras aleros de baloncesto. **Revista Internacional de Ciencias del Deporte**, v. 2, n. 4, p. 26-46, 2006.
- SIMÕES, A. C.; RODRIGUES, A. A. & CARVALHO, D. F. Liderança e as forças que impulsionam a conduta do técnico e atletas de futebol, em convivência grupal. **Revista Paulista de educação Física**, v. 12, n. 2, p. 134-144. 1998.
- SMITH, R. E.; SMOLL, F. L. & CUMMING, S. P. Effects of motivational climate intervention for coaches on young athletes' sport performance anxiety. **Journal of Sport & Exercise Psychology**, v. 29, p. 39-59, 2007.
- SOUZA, P. R. C.; DE PAULA, P.F.A. & GRECO, P.J. Tática e processos cognitivos subjacentes a tomada de decisão nos jogos esportivos coletivos. In: GARCIA, E.S. e LEMOS, K.L.M. (Orgs.) **Temas Atuais V: Educação Física e Esportes**. Belo Horizonte: Editora Health. 2000.
- SPICER, D. P. & SADLER-SMITH, E. An examination of the general decision making style questionnaire in two uk samples. **Journal of Management Psychology**, v. 20, n. 2, p. 137-149. 2005.
- WEINBERG, R. S. & GOULD, D. **Fundamentos da psicologia do esporte e do exercício**. 2 ed. Porto Alegre: Artmed. 2001.
- ZHANG, J.; JENSEN, B.E. & MANN, B.L. Modification and revision of the leadership scale for sport. **Journal of Sport Behavior**, v. 20, n 1, p. 105-122. 1997.

7 – ANEXOS

Anexo 1 – Questionário de Estilo de Tomada de Decisão no Esporte (CETD).

Dados Pessoais	
Nome: _____	Equipe: _____
Sexo: <input type="checkbox"/> Masculino <input type="checkbox"/> Feminino	Idade: <input type="text"/> <input type="text"/> anos
Esporte: _____	Posição: _____
Há quanto tempo treina essa modalidade? <input type="text"/> <input type="text"/> anos	

Orientações Gerais
Caro atleta,
✓ A seguir apresentamos uma série de frases que estão relacionadas com a sua forma de pensar, sentir e atuar no seu esporte .
✓ Não se trata de nenhuma prova , deste modo, não há frases melhores ou piores, certas ou erradas.
✓ Solicitamos que você se expresse livremente e de maneira totalmente pessoal. Normalmente cada atleta é diferente dos demais e, desta forma, pode pensar e agir diferente.
✓ Leia atentamente cada uma das frases abaixo e indique com sinceridade o seu grau de concordância e discordância com elas.
✓ O número 1 é o máximo de discordância e o número 4 é o máximo de concordância com os itens. Marque um X no número que mais se aproxima da sua opinião.
✓ Asseguramos que todas as suas respostas serão tratadas de maneira confidencial e consideradas em absoluto anonimato.
Obrigado pela cooperação.

Escala			
1	2	3	4
DISCORDO TOTALMENTE	DISCORDO	CONCORDO	CONCORDO
TOTALMENTE			

1. Sei que sou capaz de decidir no jogo, melhor que o restante dos meus companheiros de equipe	1	2	3	4
2. Antes de ir para a jogo, fico nervoso ao recordar os erros de jogos anteriores	1	2	3	4

3. Levo muito a sério os conselhos táticos do meu treinador	1	2	3	4
4. Creio que sou melhor que a maioria dos meus companheiros para tomar decisões durante o jogo	1	2	3	4
5. A lembrança dos erros cometidos em outros jogos me faz hesitar no momento de tomar decisões	1	2	3	4
6. Sigo sempre os conselhos do meu treinador	1	2	3	4
7. Penso que possuo melhores qualidades do que meus companheiros para decidir e tomar a iniciativa	1	2	3	4
8. Antes de entrar em quadra, às vezes fico preocupado com a possibilidade de perder a partida	1	2	3	4
9. É necessário decidir segundo o plano tático do treinador	1	2	3	4
10. Gosto de decidir mais que os meus colegas de equipe	1	2	3	4
11. Fico nervoso quando tenho que decidir sobre pressão	1	2	3	4
12. Sigo à risca as táticas que meu treinador propõe antes do jogo	1	2	3	4
13. Quando vou para o jogo tenho a sensação de ser superior, de ser melhor que meus companheiros e que meus oponentes	1	2	3	4
14. Às vezes, antes de começar a partida, fico preocupado em perder	1	2	3	4
15. Concentro-me muito no que faço	1	2	3	4
16. Meus treinadores sempre me consideram um jogador de grande inteligência durante o jogo	1	2	3	4
17. Quando erro ao decidir sinto que gostaria de simplesmente desaparecer da quadra	1	2	3	4
18. Tenho paciência suficiente para treinar e melhorar minha capacidade de decidir no jogo	1	2	3	4
19. Recebo cumprimentos com frequência por ser melhor para decidir no jogo do que os meus companheiros	1	2	3	4
20. Quando enfrento uma equipe superior fico nervoso e não	1	2	3	4

decido como gostaria				
21. Estou disposto a treinar muito se vejo que minha capacidade de decidir no jogo está melhorando	1	2	3	4
22. Gosto de tomar decisões arriscadas	1	2	3	4
23. Quando é preciso tomar uma decisão importante na partida, às vezes vacilo com medo de cometer erros	1	2	3	4
24. Nos treinos me preocupo em aprender a decidir em situações de jogo	1	2	3	4
25. Gosto de tomar várias decisões seguidas	1	2	3	4
26. Fico nervoso quando tenho que tomar a iniciativa durante a partida	1	2	3	4
27. Preparo-me em relação às decisões que meu adversário pode tomar	1	2	3	4
28. Sempre fui bom em tomar decisões arriscadas no jogo, sem precisar me esforçar muito para isso	1	2	3	4
29. Em situações de grande responsabilidade, prefiro que outro companheiro decida	1	2	3	4
30. Se vejo claramente a solução de uma jogada, executo-a	1	2	3	4

Anexo 2 – Questionário de Estilo de Tomada de Decisão no Esporte Versão Contextualizada

Dados Pessoais	
Nome: _____	Equipe: _____
Sexo: <input type="checkbox"/> Masculino <input type="checkbox"/> Feminino	Idade: <input type="text"/> <input type="text"/> anos
Esporte: _____	Posição: _____
Há quanto tempo treina essa modalidade? <input type="text"/> <input type="text"/> anos	

Orientações Gerais
Caro atleta,
<ul style="list-style-type: none"> ✓ A seguir apresentamos uma série de frases que estão relacionadas com a sua forma de pensar, sentir e atuar no seu esporte. ✓ Não se trata de nenhuma prova, deste modo, não há frases melhores ou piores, certas ou erradas. ✓ Solicitamos que você se expresse livremente e de maneira totalmente pessoal. Normalmente cada atleta é diferente dos demais e, desta forma, pode pensar e agir diferente. ✓ Leia atentamente cada uma das frases abaixo e indique com sinceridade o seu grau de concordância e discordância com elas. ✓ O número 1 é o máximo de discordância e o número 4 é o máximo de concordância com os itens. Marque um X no número que mais se aproxima da sua opinião. ✓ Asseguramos que todas as suas respostas serão tratadas de maneira confidencial e consideradas em absoluto anonimato.
Responda as questões abaixo com base COMO SE VOCÊ ESTIVESSE na seguinte situação:
O jogo em questão é a decisão sobre quem vai subir para a primeira divisão do Campeonato Brasileiro Profissional. Sua equipe está perdendo por 1 a 0 e faltam 15 minutos para o término da partida
Obrigado pela cooperação.

Escala				
1	2	3	4	
DISCORDO TOTALMENTE	DISCORDO	CONCORDO	CONCORDO	
TOTALMENTE				

1. Sei que sou capaz de decidir no jogo, melhor que o restante dos meus companheiros de equipe	1	2	3	4
2. Antes de ir para a jogo, fico nervoso ao recordar os erros de jogos anteriores	1	2	3	4
3. Levo muito a sério os conselhos táticos do meu treinador	1	2	3	4
4. Creio que sou melhor que a maioria dos meus companheiros para tomar decisões durante o jogo	1	2	3	4
5. A lembrança dos erros cometidos em outros jogos me faz hesitar no momento de tomar decisões	1	2	3	4
6. Sigo sempre os conselhos do meu treinador	1	2	3	4
7. Penso que possuo melhores qualidades do que meus companheiros para decidir e tomar a iniciativa	1	2	3	4
8. Antes de entrar em quadra, às vezes fico preocupado com a possibilidade de perder a partida	1	2	3	4
9. É necessário decidir segundo o plano tático do treinador	1	2	3	4
10. Gosto de decidir mais que os meus colegas de equipe	1	2	3	4
11. Fico nervoso quando tenho que decidir sobre pressão	1	2	3	4
12. Sigo à risca as táticas que meu treinador propõe antes do jogo	1	2	3	4
13. Quando vou para o jogo tenho a sensação de ser superior, de ser melhor que meus companheiros e que meus oponentes	1	2	3	4
14. Às vezes, antes de começar a partida, fico preocupado em perder	1	2	3	4
15. Concentro-me muito no que faço	1	2	3	4
16. Meus treinadores sempre me consideram um jogador de	1	2	3	4

grande inteligência durante o jogo				
17. Quando erro ao decidir sinto que gostaria de simplesmente desaparecer da quadra	1	2	3	4
18. Tenho paciência suficiente para treinar e melhorar minha capacidade de decidir no jogo	1	2	3	4
19. Recebo cumprimentos com freqüência por ser melhor para decidir no jogo do que os meus companheiros	1	2	3	4
20. Quando enfrento uma equipe superior fico nervoso e não decido como gostaria	1	2	3	4
21. Estou disposto a treinar muito se vejo que minha capacidade de decidir no jogo está melhorando	1	2	3	4
22. Gosto de tomar decisões arriscadas	1	2	3	4
23. Quando é preciso tomar uma decisão importante na partida, às vezes vacilo com medo de cometer erros	1	2	3	4
24. Nos treinos me preocupo em aprender a decidir em situações de jogo	1	2	3	4
25. Gosto de tomar várias decisões seguidas	1	2	3	4
26. Fico nervoso quando tenho que tomar a iniciativa durante a partida	1	2	3	4
27. Preparo-me em relação às decisões que meu adversário pode tomar	1	2	3	4
28. Sempre fui bom em tomar decisões arriscadas no jogo, sem precisar me esforçar muito para isso	1	2	3	4
29. Em situações de grande responsabilidade, prefiro que outro companheiro decida	1	2	3	4
30. Se vejo claramente a solução de uma jogada, executo-a	1	2	3	4

Anexo 3– Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa - UnB

Universidade de Brasília
Faculdade de Ciências da Saúde
Comitê de Ética em Pesquisa –CEP/FS

PROCESSO DE ANÁLISE DE PROJETO DE PESQUISA

Registro do Projeto: 094/2007

Título do Projeto: “Avaliação do comportamento tático no futebol: O perfil de tomada de decisões do jogador e sua percepção do estilo de liderança do treinador”.

Pesquisador Responsável: Luciano Santana Lopes

Data de Entrada: 31/08/2007.

Com base nas Resoluções 196/96, do CNS/MS, que regulamenta a ética da pesquisa em seres humanos, o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade de Brasília, após análise dos aspectos éticos e do contexto técnico-científico, resolveu **APROVAR** o projeto 094/2007 com o título: “Avaliação do comportamento tático no futebol: O perfil de tomada de decisões do jogador e sua percepção do estilo de liderança do treinador”. Analisado na 9ª Reunião, realizada no dia 09 de outubro de 2007.

O pesquisador responsável fica, desde já, notificado da obrigatoriedade da apresentação de um relatório semestral e relatório final sucinto e objetivo sobre o desenvolvimento do Projeto, no prazo de 1 (um) ano a contar da presente data (item VII.13 da Resolução 196/96).

Brasília, 09 de outubro de 2007.

Prof. Volnei Garrafa
Coordenador do CEP-FS/UnB

Campus Universitário Darcy Ribeiro
Faculdade de Ciências da Saúde
Cep: 70.910-900

Anexo 4 – Termo de consentimento do Estudo 01TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O(A) senhor(a) está sendo convidado(a) para participar do projeto de pesquisa "AVALIAÇÃO DO COMPORTAMENTO TÁTICO NO FUTEBOL: O PERFIL DE TOMADA DE DECISÃO DO ATLETA E SUA PERCEPÇÃO SOBRE O ESTILO DE LIDERANÇA DO TREINADOR", a ser realizado na Universidade de Brasília – UnB; Faculdade de Educação Física – FEF.

O objetivo desse estudo é validar o Questionário de Estilo de Tomada de Decisão no Esporte, desenvolvido na Espanha, para a realidade brasileira.

A sua participação é voluntária e consiste em responder o Questionário sob a orientação do pesquisador.

Este estudo não oferecerá nenhum risco a sua saúde, por ser de caráter investigativo e não implicar em nenhum tipo de intervenção.

Qualquer informação ou resultados obtidos serão mantidos sob sigilo, e as descrições dos mesmos em publicações científicas ocorrerão sem qualquer possibilidade de identificação do participante.

A duração da aplicação do teste será em torno de 10 a 20 minutos.

Todos dados da pesquisa serão de responsabilidade do pesquisador.

Quaisquer dúvidas serão esclarecidas pelo pesquisador, antes e durante a pesquisa.

Brasília, ____ de _____ de _____.

(Voluntário ou Responsável Legal)

Luciano Santana Lopes
Pesquisador Responsável

UnB – Laboratório de Psicologia do Esporte: 61-3307-2251 – ramal 210.
Pesquisador: Luciano Santana Lopes

Anexo 5 – Termo de consentimento do Estudo 03TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O(A) senhor(a) está sendo convidado(a) para participar do projeto de pesquisa "AVALIAÇÃO DO COMPORTAMENTO TÁTICO NO FUTEBOL: O PERFIL DE TOMADA DE DECISÃO DO ATLETA E SUA PERCEPÇÃO SOBRE O ESTILO DE LIDERANÇA DO TREINADOR", a ser realizado na Universidade de Brasília – UnB; Faculdade de Educação Física – FEF.

O objetivo desse estudo é verificar se há correlação entre o perfil de tomada de decisão do jogador de futebol e sua percepção do estilo de liderança do treinador.

A sua participação é voluntária e consiste em responder dois questionários sob a orientação do pesquisador.

Este estudo não oferecerá nenhum risco a sua saúde, por ser de caráter investigativo e não implicar em nenhum tipo de intervenção.

Qualquer informação ou resultados obtidos serão mantidos sob sigilo, e as descrições dos mesmos em publicações científicas ocorrerão sem qualquer possibilidade de identificação do participante.

A duração da aplicação dos testes será em torno de 10 a 30 minutos.

Todos dados da pesquisa serão de responsabilidade do pesquisador.

Quaisquer dúvidas serão esclarecidas pelo pesquisador, antes e durante a pesquisa.

Brasília, ____ de _____ de _____.

(Voluntário ou Responsável Legal)

Luciano Santana Lopes
Pesquisador Responsável

UnB – Laboratório de Psicologia do Esporte: 61-3307-2251 – ramal 210.
Pesquisador: Luciano Santana Lopes

Anexo 6 – Escala de liderança revisada para o esporte (RLSS), versão percepção dos atletas.

Dados Pessoais	
Nome: _____	Equipe: _____
Sexo: <input type="checkbox"/> Masculino <input type="checkbox"/> Feminino	Idade: <input type="text"/> <input type="text"/> anos
Esporte: _____	Posição: _____
Há quanto tempo treina essa modalidade? <input type="text"/> <input type="text"/> anos	

Orientações Gerais
Caro atleta,
✓ Cada um dos enunciados seguintes descreve um comportamento específico que o treinador pode manifestar. Em cada um deles existem cinco alternativas de resposta:
1 – NUNCA (0% das vezes)
2 – RARAMENTE (25% das vezes)
3 – OCASIONALMENTE (50% das vezes)
4 – FREQUENTEMENTE (75% das vezes)
5 – SEMPRE (100% das vezes)
✓ Indique, por favor, a sua opinião sobre como seu treinador se comporta.
✓ Solicitamos que você se expresse livremente e de maneira totalmente pessoal. Normalmente cada atleta é diferente dos demais e, desta forma, pode pensar diferente.
✓ Leia atentamente cada uma das frases abaixo e marque um “x” naquela que corresponde à sua opinião. Procure responder a todos os itens.
✓ Asseguramos que todas as suas respostas serão tratadas de maneira confidencial e consideradas em absoluto anonimato.
Obrigado pela cooperação.

ESCALA				
1	2	3	4	5
Nunca	Raramente	Ocasionalmente	Frequentemente	Sempre
0%	25%	50%	75%	100%

Nº	Enunciados ou comportamentos específicos do treinador	Escala				
1	Treina de acordo com o nível de habilidade dos atletas	1	2	3	4	5
2	Estimula relacionamentos mais próximos e informais com os	1	2	3	4	5

	atletas					
3	Faz com que tarefas mais complexas (difíceis) fiquem mais fáceis de entender e aprender	1	2	3	4	5
4	Coloca em prática (utiliza) as sugestões feitas pelos membros do time	1	2	3	4	5
5	Estabelece metas reais (compatíveis com as habilidades dos atletas)	1	2	3	4	5
6	Desconsidera os sentimentos e a insatisfação dos atletas	1	2	3	4	5
7	Pede a opinião dos atletas em relação às estratégias para uma competição específica	1	2	3	4	5
8	Explica para os atletas quais são as metas da equipe e como fazer para alcançá-las	1	2	3	4	5
9	Estimula os atletas a darem sugestões de formas de treinamento	1	2	3	4	5
10	Adapta (altera) o estilo do treino de acordo com a situação da equipe na competição	1	2	3	4	5
11	Utiliza outros métodos de treinamento quando a equipe não está obtendo o resultado esperado	1	2	3	4	5
12	Dá atenção especial à correção dos erros dos atletas	1	2	3	4	5
13	Deixa os atletas tentarem, à sua maneira, mesmo que cometam erros	1	2	3	4	5
14	Valoriza as idéias dos atletas mesmo quando estas são diferentes da sua	1	2	3	4	5
15	Mostra “OK” e “sinal de positivo” (por meio de gestos) para os atletas (em jogos ou em treinamentos)	1	2	3	4	5
16	É sensível às necessidades dos atletas	1	2	3	4	5
17	Se interessa pelo bem-estar pessoal dos atletas	1	2	3	4	5
18	Cumprimenta (tapinha nas costas, apertar as mão, dar um toque nas mãos) o atleta pelo seu bom desempenho	1	2	3	4	5
19	Explica a cada atleta as técnicas e táticas do esporte	1	2	3	4	5
20	Parabeniza o atleta após uma boa jogada	1	2	3	4	5
21	Se recusa a “abrir mão” de alguma coisa em determinado ponto (a última decisão/palavra é sempre do treinador)	1	2	3	4	5
22	Utiliza exercícios variados em um treinamentos	1	2	3	4	5
23	Dá ênfase ao aprimoramento das principais habilidades	1	2	3	4	5

	(técnicas)					
24	Altera os planos devido a situações inesperadas	1	2	3	4	5
25	Deixa que os atletas estabeleçam suas próprias metas	1	2	3	4	5
26	Supervisiona o bem-estar pessoal dos atletas	1	2	3	4	5
27	Prefere métodos objetivos (scout, testes) de avaliação	1	2	3	4	5
28	Faz o planejamento para o time relativamente independente dos atletas (planeja sem muitas opiniões dos atletas)	1	2	3	4	5
29	Comunica (fala para) o atleta quando ele teve um bom desempenho	1	2	3	4	5
30	Obtém a aprovação dos atletas em assuntos importantes antes de seguir em frente	1	2	3	4	5
31	Expressa satisfação quando um atleta obtém um bom desempenho	1	2	3	4	5
32	Escala os atletas de forma correta	1	2	3	4	5
33	Estimula os atletas a confiarem nele	1	2	3	4	5
34	Determina (impõe) os procedimentos a serem seguidos	1	2	3	4	5
35	Desaprova sugestões e opiniões vindas dos atletas	1	2	3	4	5
36	Conduz (promove/realiza) progressões apropriadas no ensino dos fundamentos	1	2	3	4	5
37	Supervisiona de perto os exercícios realizados pelos atletas	1	2	3	4	5
38	Esclarece as prioridades dos treinamentos e trabalha em cima dessas prioridades	1	2	3	4	5
39	Tem bom conhecimento do esporte (técnica, tática, regras)	1	2	3	4	5
40	Explica claramente as suas atitudes (os atletas o entendem facilmente)	1	2	3	4	5
41	Incentiva (dá força) mesmo quando o atleta comete erros em seu desempenho	1	2	3	4	5
42	Parabeniza o bom desempenho dos atletas mesmo após perder uma competição	1	2	3	4	5
43	Coloca o atleta em posições diferentes dependendo da necessidade da situação	1	2	3	4	5
44	Dá tarefas de acordo com a habilidade e necessidade de cada indivíduo	1	2	3	4	5
45	Reconhece as contribuições individuais para o sucesso em	1	2	3	4	5

	cada competição					
46	Impõe suas idéias	1	2	3	4	5
47	Deixa os atletas decidirem sobre as jogadas a serem utilizadas numa competição	1	2	3	4	5
48	Faz favores pessoais para os atletas	1	2	3	4	5
49	Cumprimenta um atleta pelo seu bom desempenho na frente dos outros companheiros de time	1	2	3	4	5
50	Dá liberdade aos atletas para determinarem os detalhes de como conduzir um exercício	1	2	3	4	5
51	Obtém informações dos atletas em reuniões do time	1	2	3	4	5
52	Aplauda (bate palmas) quando um atleta tem um bom desempenho	1	2	3	4	5
53	Dá crédito (valor, moral) quando for conveniente	1	2	3	4	5
54	Ajuda os atletas em seus problemas pessoais	1	2	3	4	5
55	Pede a opinião dos atletas em aspectos importantes do treinamento	1	2	3	4	5
56	Recompensa o atleta quando ele se esforça	1	2	3	4	5
57	Deixa os atletas participarem das tomadas de decisão e na formulação das políticas de ação	1	2	3	4	5
58	Visita os pais/responsáveis dos atletas	1	2	3	4	5
59	Mantém-se afastado dos atletas (dentro e fora do trabalho)	1	2	3	4	5
60	Aumenta a complexidade (dificuldade) das tarefas se os atletas acharem estão muito fáceis	1	2	3	4	5